

ALGUNS SENTIDOS DA PALAVRA “PEREJIVANIE” EM L. S. VIGOTSKI  
notas para estudo futuro junto à psicologia russa  
Achilles Delari Junior  
Iulia Vladimirovna Bobrova Passos

UMUARAMA/IVANOVO  
OUTUBRO DE 2009

ALGUNS SENTIDOS DA PALAVRA “PEREJIVANIE” EM L. S. VIGOTSKI<sup>\*</sup>  
notas para estudo futuro junto à psicologia russa  
Achilles Delari Junior<sup>\*\*</sup>  
Iulia Vladimirovna Bobrova Passos<sup>\*\*\*</sup>

---

<sup>\*</sup> Trabalho de natureza voluntária, sem vínculo institucional. A versão atual foi preparada para o III Seminário Interno do GPPL (Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem) da FE (Faculdade de Educação) da Unicamp, visando a uma breve apresentação e apreciação crítica pelo coletivo presente no evento. Concluída entre Umuarama (Brasil) e Ivanovo (Federação Russa), em 02 de outubro de 2009.

<sup>\*\*</sup> Psicólogo pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: [delari@uol.com.br](mailto:delari@uol.com.br)

<sup>\*\*\*</sup> Psicóloga e especialista em Psicologia Social pela Universidade Estatal da Federação Russa, na cidade de Ivanovo. E-mail: [julia.passos@rambler.ru](mailto:julia.passos@rambler.ru)

“A teoria moderna introduz a **perejivanie** como unidade da consciência, isto é, como unidade na qual as possibilidades básicas da consciência figuram como tais, enquanto que na atenção, no pensamento não se dá tal relação. A atenção não é uma unidade da consciência, senão um elemento da consciência, carente de outros elementos, com a particularidade de que [neste elemento] a integridade da consciência como tal desaparece. A verdadeira unidade dinâmica da consciência, unidade plena que constitui a base da consciência, é a **perejivanie**.”

— Lev Vigotski (1933-34/2006, p. 383)

“Não está sob suspeita que aquilo que nos é dado em uma **perejivanie** direta, de nenhum outro modo nos poderá ser dado. (...) Nenhum tratado psicológico substitui, ao homem, o que sente, se não tiver provado pessoalmente o amor, o fervor combativo e a alegria do trabalho criativo (...). Minhas **perejivania** são dadas a mim de outro modo, como que em outra perspectiva, que as dadas aos outros. **Perejivania**, pensamentos, sentimentos do sujeito – são seus pensamentos, seus sentimentos, suas **perejivania** – um pedaço de sua própria vida, em sua carne e sangue.”

— Serguei Rubinshtein (1940/2009, p. 19)

“A proposição de Vigotski e o conceito de **perejivanie** que ele introduziu mostra ser, para nós, muito importante e muito produtivo para a psicologia infantil. Contudo, ele não desenvolveu completamente o conceito de **perejivanie**. De fato, mesmo tomando a análise da **perejivanie** da criança como nosso ponto de partida na compreensão das causas que condicionam as características individuais (relativas à idade) das mentes das crianças, nós ainda somos forçados a retornar e examinar todas as circunstâncias de suas vidas e todas as características existentes de sua personalidade. Apenas então nós estaremos aptos a compreender a natureza da própria **perejivanie** e sua função dentro do desenvolvimento mental.”

— Lidiia Bojovitch (1968/2009b, p. 66-67)

“Quando nós nos preocupamos com o fato de se um(a) amigo(a) próximo(a) vai “passar pela” **perejivanie** de perder uma pessoa amada, nós não estamos duvidando de sua habilidade para sofrer, sentir dor (i.e. a capacidade de **pe-rejivat'** no sentido tradicional dos psicólogos para a palavra), nós estamos preocupados com algo bem diferente – como ele ou ela irá suceder em superar o sofrimento, em passar pela prova, em emergir da crise e readquirir equilíbrio mental. (...) Nós estamos falando de um processo interno ativo, produtor de resultados, que efetivamente transforma a situação psicológica, da **perejivanie** como atividade.”

— Fiodor Vasiliuk (1984/1992, p.20)

## SUMÁRIO

1 SOBRE LIMITES E PERSPECTIVAS DESTE TRABALHO .....	05
2 SOBRE SIGNIFICADOS DO CONCEITO “PEREJIVANIE” NA LÍNGUA RUSSA .....	08
3 SOBRE A PALAVRA “PEREJIVANIE” EM OBRAS DE L. S. VIGOTSKI .....	13
3.1 “Perejivanie” no contexto de obras de Vigotski de 1917 a 1934.....	14
<i>A tragédia de Hamlet (1917)</i> .....	17
<i>Psicologia da arte (1925)</i> .....	18
<i>A consciência como problema da psicologia (1925)</i> .....	20
<i>História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores (1931)</i> .....	22
<i>As emoções e seu desenvolvimento na idade infantil (1932)</i> .....	24
<i>Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator (1932)</i> .....	27
<i>Teoria das emoções (1931-33) – pendente</i> .....	29
<i>Pensamento e linguagem (1934)</i> .....	29
3.2 Questões sobre a “perejivanie” como “unidade da consciência” .....	32
4 REFERÊNCIAS .....	35
ANEXO – Modelo de protocolo de cotejo russo-português para “perejivanie” .....	41

## 1 SOBRE LIMITES E PERSPECTIVAS DESTE TRABALHO

*“No intuito de explicar e compreender a experiência [perejivanie], é necessário ir além dos seus limites; é necessário esquecê-la por um minuto e mover-se para longe dela”*

— Vigotski (1932/1999, p. 243)

Este breve texto trata de apresentar uma etapa inicial de um projeto, senão desejo, de estudo a médio prazo acerca do problema da singularidade, intensidade e complexidade da experiência e/ou vivência humana, tal como abordada mediante o polissêmico conceito de “perejivanie”<sup>1</sup> (переживание) em algumas de suas diferentes elaborações por psicólogos russos<sup>2</sup> como L. S. Vigotski<sup>3</sup>, S. L. Rubinshtein<sup>4</sup>, L. I. Bojovitch<sup>5</sup> e F. E. Vasiliuk<sup>6</sup>. Quanto ao lugar social deste trabalho, abreviemos supondo que o estudo dos sistemas psíquicos propriamente humanos e de todo o ser humano concreto, em seu devir histórico, possa nos colocar, pelo menos, três “desafios” simultâneos. Um deles seria definir conceitualmente a extensão, profundidade e elevação de sua constituição. Produzir, mediante palavras, um pensamento crítico que permita abduzir a realidade de tais sistemas (“desafio conceitual”) – “a palavra é o germen da ciência, e neste sentido cabe dizer que no começo da ciência estava a palavra” (VIGOTSKI, 1927/1991, p. 281). Outro, do qual o primeiro é parte, seria estabelecer os demais caminhos da cognição para abordar criticamente o objeto de estudo, compreendê-lo de modo mais elevado, redimensionando sua definição inicial (“desafio metodológico”<sup>7</sup>) – “a questão primária é a questão do método; esta é (...) a questão da verdade”<sup>8</sup> (VIGOTSKI, 1926/2007, p. 18). E outro ainda seria o de, pelo domínio do conceito organizador e do método que o inclui e ultrapassa, obter e exercer poder de ação transformadora sobre a realidade concreta daqueles sistemas, realidade social da qual participamos, com cuja mudança também nós e nossos conceitos seremos outros (“desafio psicotécnico”<sup>9</sup>) – “o

<sup>1</sup> Transliteramos “жи” por “ji”, pois, em inglês, “zh” não indica o nosso “z”. E.g.: em inglês “Doctor Zhivago”, mas em português “Doutor Jivago”. A transliteração, porém, é só aproximativa, não esgota a pronúncia correta, por não marcar sempre a tônica, nem todas as palatalizações, degradações de vogais nas sílabas átonas, ausência de nasalização antes de “n” e “m”, etc. Não há norma oficial para transliteração russo-português, mas fazê-la à moda inglesa causa mais problemas.

<sup>2</sup> Dizemos “russos” no sentido de “psicólogos que produziram em língua russa”. Como se sabe, o próprio Vigotski não era russo, mas bielorusso.

<sup>3</sup> Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934).

<sup>4</sup> Serguei Leonidovitch Rubinshtein (1889-1960).

<sup>5</sup> Lidia Il’initchna Bojovitch (1908-1981).

<sup>6</sup> Fiodor Efimovitch Vasiliuk (nasc. 28.09.1953).

<sup>7</sup> Segundo Wertsch, na psicologia russo-soviética, “a aplicação dos termos ‘metodologia’ e ‘metodólogo’ não é restrita aos problemas de delinear e conduzir pesquisas empíricas”. Para além disso, eles se referem “ao estudo de questões teóricas e metateóricas gerais que subjazem a uma investigação dos fenômenos psicológicos” (WERTSCH em nota a DAVIDOV e RADZIKHOVSKII, 1985, p. 61).

<sup>8</sup> Numa concepção histórica e dialética de verdade, as contradições próprias ao real não são eternas e imutáveis (“verdade absoluta” da metafísica) nem se subordinam às vicissitudes da mente individual (“verdade relativa” do relativismo). Mas um conhecimento mais verdadeiro, ou crítico, é aquele capaz de apresentar objetivamente tais contradições em sua historicidade, assim como de intervir nelas. “A questão se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva não é teórica, mas prática. É na prática que o homem deve demonstrar a verdade, a saber, a efetividade e o poder, a ceterioridade do pensamento. A disputa sobre a efetividade ou não-efetividade do pensamento isolado da prática – é uma questão meramente escolástica” (MARX, 1845/1978, p. 51).

<sup>9</sup> “Psicotécnico” em Vigotski não é sinônimo de “psicométrico” como comumente no Brasil, sobretudo entre o público leigo. Trata-se de um conceito mais geral relacionado à intervenção na constituição do psiquismo mediante recursos “artificiais”, ou seja, culturalmente criados e intencionalmente dirigidos (ver VIGOTSKI, 1927/1991, 1927/2009). Sobre a pesquisa psicológica e as práticas psicotécnicas ver Puzirei (1989), e para uma discussão geral sobre “Psicologia, psicotécnica e psicogogia” também Puzirei (2007).

princípio da prática e sua filosofia se impõem uma vez mais: a pedra que foi rejeitada pelos construtores, esta veio a ser a pedra angular<sup>10</sup>” (VIGOTSKI, 1927/1991, p. 357).

Assumindo tais “dimensões” como indissociáveis e integradas ainda a outras, podemos situar então os limites deste texto (e do desejo de estudo que ele, em parte, exprime) aceitando o que podemos chamar de um “desafio conceitual”. Pretendemos fazê-lo com uma exploração teórica de definições de base, necessárias à investigação posterior e à conseqüente e/ou concomitante intervenção. É numa arquitetura metodológica que as definições e conceitos teóricos ganham potência explicativa, tanto quanto é em sua intervenção na realidade humana que teoria e método são mais intensamente postos à prova e chamados a dizer uma “palavra que realmente significa e é responsável por aquilo que diz” (BAKHTIN, 1929/1992, p. 196). Ainda assim, a tomada de posição do pesquisador frente às questões práticas vitais do acontecimento humano não pode prescindir da conceituação. Como orienta o próprio Vigotski, “seguir realizando o mesmo trabalho, dedicar-se a acumular material paulatinamente, resulta estéril ou mesmo impossível. Para seguir adiante há que marcar um caminho” (VIGOTSKI, 1927/1991, p. 259). Visando trazer à discussão coletiva alguns traços demarcadores de caminhos teórico-práticos por trilharmos, é que este texto foi escrito. Explorar algo da pluralidade de sentidos de um conceito que assume em Vigotski o estatuto de “verdadeira unidade dinâmica da consciência” (1933-34/2006, p. 383), tomando ainda contribuições de outras “vozes” a posicionar-se sobre o tema (e.g. BOJOVITCH<sup>11</sup>, 1968/2009a, 1968/2009b; RUBINSHTEIN, 1940/1967, 1940/2006; VASILIUUK, 1984/1992, 1984/2009), foi o modo pelo qual assumimos a tarefa de delinear tais traços. Por questão de prioridade, dentro do tempo disponível para dedicarmos a este estudo até o presente momento, obtivemos avanço maior na leitura e sistematização de comentários referentes a obras de Vigotski, ficando a discussão sobre os demais autores para momentos posteriores se/quando possível, sobretudo se socialmente isso se faça necessário ao andamento do diálogo coletivo sobre o objeto em questão. Como veremos, nossa palavra chave e “fonte de novos problemas”<sup>12</sup>, está presente em várias obras do próprio Vigotski, num sentido ou noutro. Mas dentre aquelas que, no momento, consideramos particularmente relevantes (sobretudo pelo critério de sua grande difusão mesmo fora da Rússia), cumprimos, até o momento, ainda uma etapa inicial do estudo, comentando apenas sete trabalhos, dentre os dez inicialmente pretendidos por nós para o estudo do tema neste autor<sup>13</sup>.

Pode-se dizer que o interesse pelo tema teórico “perejivanie”, sobretudo na obra de Vigotski, só surgiu no Brasil há relativamente pouco tempo. Em publicações recentes, pesquisadores brasileiros (e.g. LIMA, 2000; e SMOLKA, 2006) têm destacado contribuições daquele au-

<sup>10</sup> Vigotski se refere ao texto do Salmo 117 (para os judeus 118), ver. 22. É o mesmo salmo ao qual remetem as palavras de Jesus em Mateus, cap. 21, ver. 42.

<sup>11</sup> Note-se que a transliteração do nome de família dessa autora também produz grafias diferentes para o português, “Bojovitch”, ou para o inglês, “Bozhovich”.

<sup>12</sup> Paráfrase nossa de Paulhan, citado por Vigotski ao falar do sentido da palavra. “De acordo com Paulhan (...) a palavra é uma fonte inexaurível de novos problemas. Seu sentido nunca é completo. Em última análise, o sentido de uma palavra depende da visão de mundo como um todo de uma pessoa e da estrutura interna de sua personalidade” (VIGOTSKI, 1934/1987, p. 276).

<sup>13</sup> Até o presente momento, nos foi possível investigar alguns sentidos de “perejivanie” em: “A tragédia de Hamlet...” (1917); “Psicologia da arte” (1925); “A consciência como problema da psicologia...” (1925); “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” (1931); “Emoções e seu desenvolvimento na idade infantil” (1932); “Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator” (1932); e “Pensamento e linguagem” (1934); Pretendia-se cobrir também “Teoria das emoções” (1931-33), mas não foi possível. O número 10 se deve à inclusão ainda do estudo de “O problema do ambiente” (1935) e “A crise dos sete anos” (1933-34) – nos quais a noção de “perejivanie” como “unidade” está explícita.

tor, ainda pouco discutidas neste país, sobre a chamada “experiência emocional” e seu lugar teórico na compreensão das relações constitutivas entre meio social e desenvolvimento humano. Assim como, portanto, sobre seu lugar para o entendimento da própria gênese social da consciência. Nota-se que o termo “experiência emocional” tem sido trazido à discussão, basicamente, a partir do modo pelo qual figura em tradução ao inglês do que se estima ser uma transcrição<sup>14</sup> de conferência realizada por Vigotski em Leningrado, no Instituto Pedagógico Estatal Herzen – publicados pela primeira vez em 1935 por sua colaboradora M. A. Levina.<sup>15</sup> Nesta tradução, feita por Theresa Prout e Renê van der Veer, *a posteriori* lhes foi conferido o título “The problem of the environment”<sup>16</sup> (VIGOTSKI, 1935/1994). Uma peculiaridade e um mérito desta edição é dar visibilidade, até então rara ou ausente nas traduções de que dispomos, à palavra russa “perejivanie” (переживание), várias vezes mencionada, traduzindo-a por “emotional experience”, mas registrando a forma russa entre parênteses ao longo de todo o texto e explicitando dificuldades de tradução. Assume-se que “nem ‘experiência emocional’<sup>17</sup> (que é usada aqui e cobre apenas o aspecto afetivo do significado de *perejivanie*), nem ‘interpretação’ (que é tão exclusivamente racional) são traduções totalmente adequadas para o substantivo. Seu significado é intimamente ligado àquele do verbo alemão ‘erleben’ (cf. ‘Erlebnis’<sup>18</sup>, ‘erlebte Wirklichkeit’)” (VALSINER e van der VEER, em nota a VIGOTSKI, 1935/1996, p. 354). O leitor, assim, tanto nota a importância metodológica dada por Vigotski ao conceito “perejivanie” como unidade cognitivo-afetiva, quanto fica envolto por um ar enigmático quanto aos múltiplos sentidos desta unidade em sua expressão concreta. Fica claro que “perejivanie” assume ali um lugar teórico central e entende-se, de modo genérico, de qual lugar se trata. Mas podemos continuar perguntando: que viria a ser propriamente isto que ora está no centro?

<sup>14</sup> Não se sabe ao certo se tais registros antes de publicados foram escritos pelo próprio Vigotski ou eram anotações feitas a partir de sua fala. Em nota explicativa ao trabalho de Vigotski (1935/1994), Valsiner e van der Veer sustentam que a partir de indícios de oralidade presentes no texto, pode-se deduzir que se trate de uma transcrição da conferência.

<sup>15</sup> Não é a mesma Roza Evguen’evna Levina (1908-1989), componente da chamada “piatiorka” (os cinco) de Moscou. M. A. Levina fez parte da equipe de Mikhail Ia. Basov (1892-1931) e, com Evgueniia O. (I.) Zeiliger (1890-1969), fez “uma análise estrutural da atividade lúdica de crianças em idade pré-escolar” (cf. ELKONIN 1978/1980 e 1978/2009).

<sup>16</sup> “O problema do ambiente” ou “O problema do meio”. Há um título russo correspondente, nas “Conferências de pedologia” (VIGOTSKI, 1933-34/1966; 1933-34/2001): “O problema do meio em pedologia” – contudo, supõe-se ser um título editorial não necessariamente dado pelo próprio autor. Ao longo do texto vemos que ele faz menção a já ter palestrado sobre “o problema da hereditariedade” também. Na publicação russa das “conferências” (letktsii), a terceira se intitula: “Estudos sobre a hereditariedade e o meio na pedologia” (VIGOTSKI, idem; idem). Tanto as influências do meio como da herança devem situar-se em sua relação com o desenvolvimento, o qual é visto como “um processo ininterrupto, que se autocondiciona e não uma marionete manobrada com dois fios” (VIGOTSKI, 1931/1997, p. 325). No russo: “самообусловливаемый процесс” (samoobuslovovlivaemii protsess) – “processo auto-condicionado” (1931/2009a). Talvez nisso um dado conceito de história: o que determina a história? Nada além dela própria, “a determinação da história é imanente à própria história”, “autodetermina-se”, “autocondiciona-se”. Outra opção poderia ser a de que é determinada “pela Natureza” ou “por Deus” – parece não ser o caso, para Vigotski.

<sup>17</sup> Outro indício da inadequação em traduzir “perejivanie” por “experiência emocional” é que, tanto em “As emoções e seu desenvolvimento na idade infantil”, quanto na “Psicologia da Arte”, por exemplo, Vigotski também fala em “emotsional’noe perejivanie” (эмоциональное переживание) – i.e., o substantivo “perejivanie” adjetivado como “emocional”. O que no Brasil se traduziu ora por “vivências emocionais” (1925/1999, p. 259), ora por “sensação emocional” (1932/1998, p. 98 e 99). Também A. N. Leontiev (1965/2009), em seu artigo de apresentação à “Psicologia da arte”, fala em “emotsional’noe perejivanie”. O colaborador de Leontiev, Fiodor Vasiliuk (1984/1992, 1984/2009), por sua vez, entende que “perejivanie” não é emoção e sim atividade. Consideramos pertinente esta discussão e será retomada em relatos posteriores do nosso estudo em andamento – em parte ela é tocada aqui mesmo, problematizando a tradução do termo “perejivanie” em textos de Vigotski que falam sobre a emoção.

<sup>18</sup> O alemão não nos é de grande auxílio. Contudo, os dicionários Russo-Alemão, Alemão-Russo, por nós consultados confirmam uma possível correspondência “erlebnis” e “perejivanie” em campos semânticos bem próximos, se consideradas suas acepções mais comuns nas duas línguas. Do mesmo modo, “opit” (outra palavra russa para “experiência”), tem campos próximos ao termo alemão “erfahrung” (experiência mais no sentido de sua dimensão coletiva), que é como um “par” para “erlebnis” (experiência mais no sentido de sua dimensão individual). Falaremos sobre opit nas páginas de 11 a 13.

Tendo em vista tal questionamento, nosso trabalho, em andamento, vem se orientando por dois objetivos conjugados. Em primeiro lugar, não procuramos esgotar a polissemia da palavra, mas, ao contrário, acrescentar elos semânticos aos já partilhados, trazer à tona alguns que estão no subtexto, situar o mesmo termo em diferentes contextos tanto em diferentes obras de um só autor<sup>19</sup>, quanto nas de outros autores que com ele, de algum modo, dialogam e/ou confrontam-se. Visando, assim, transitar pela rede de significados que constitui a densidade do conceito, no próprio ato de tecê-la em interlocução com as fontes – considerando que nem todos os seus enlaçamentos necessariamente pré-existem à investigação. Em segundo lugar, para além das mediações lexicais e semânticas constitutivas da leitura da obra de Vigotski e outros psicólogos russos, caberá ainda e principalmente nos reportarmos ao problema teórico do conceito “perejivanie” – como unidade ontológica e metodológica para a psicologia histórico-cultural. Nesse sentido, algumas questões poderão ser levantadas no futuro: (a) de que modo a “perejivanie”<sup>20</sup> permite-nos compreender a consciência, totalidade da qual ela é unidade? (b) como ter acesso à própria “unidade dinâmica da consciência” tal como se realiza na singularidade e complexidade da vivência de outra pessoa? (c) de que modo a “perejivanie”, vista como “unidade personalidade-meio”, relaciona-se ainda com o significado da palavra, visto como “unidade pensamento-linguagem”? (d) Se a unidade “pensamento-linguagem” implica um processo de desenvolvimento, como pensar a unidade “personalidade-meio” no curso do desenvolvimento humano? (e) por fim: como estas mesmas questões podem ser discutidas sob diferentes olhares em diálogo com as proposições vigotskianas iniciais e que outros problemas para a investigação daí poderiam emergir? Temos algumas pistas prévias para explorar tais questões e mesmo para permitir submeter nossas hipóteses ao confronto com outras fontes que não só aquelas das quais nos vêm tais pistas. Mas, no limite do que nos foi possível apresentar aqui, os resultados dos estudos que vimos fazendo poderão cobrir apenas uma parte do primeiro objetivo, apresentando algo da diversidade de sentidos da palavra “perejivanie” em língua russa e em algumas obras significativas de Vigotski.

## 2 SOBRE SIGNIFICADOS DO CONCEITO “PEREJIVANIE” NA LÍNGUA RUSSA

Embora no Brasil esta discussão seja relativamente recente, na Rússia, o conceito “perejivanie” se apresenta como uma das categorias fundamentais, com base nas quais são elaboradas as mais significativas concepções psicológicas e filosóficas. Trata-se de um conceito com significados amplos e profundos, cuja compreensão se faz importante para uma interpretação mais perspicaz e fecunda das teorias científicas pautadas nessa tradição cultural. Na língua russa, pela definição de um dos seus principais léxicos, a palavra “perejivanie” denota “situação espiritual, provocada, de um modo ou de outro, por fortes sentimentos, impres-

<sup>19</sup> A palavra “perejivanie” está presente em outras obras bem conhecidas de Vigotski (e.g. 1917/1999; 1917/2009; 1925/1999; 1925/2009; 1931-33/1999; 1931-33/2004; 1931-33/2009; 1934/2001; 1934/2009a), sem que necessariamente o leitor a perceba, já que as traduções ao português, ao inglês ou espanhol, não costumam destacar o termo russo original, como fizeram Prout e van der Veer. Na “Tragédia de Hamlet”, o substantivo, em uma de suas declinações, aparece 28 vezes, na “Psicologia da arte”, 68, em “Teoria das Emoções”, 92, em “Pensamento e linguagem”, 16 – ver tabela 1, p. 15.

<sup>20</sup> “Perejivanie”, em russo, é um substantivo neutro, poderia ser designado tanto como “o”, quanto por “a”. Pelo fato de que já nos habituamos a falar desse termo como relativo à “experiência” ou à “vivência”, neste texto diremos “a perejivanie”.

sões. Profundas, penosas perejivaniia”<sup>21</sup> (OJEGOV, 1949/1990, p. 501). Trata-se, portanto, de uma palavra de difícil tradução. Dentre os dicionários comuns russo-português, obtêm-se as seguintes acepções: “vivência; emoção; impressão; aflição, preocupação” (ALPHALEX, 2005); e também: “emoção, provação” (VOINOVA e STARETS, 1986, p. 226). Do russo ao inglês encontra-se, por exemplo: “experience; feeling; emotional experience” (RAMBLER, 2009). Podemos ainda acrescentar que, do ponto de vista morfológico, o substantivo neutro “perejivanie” é composto por duas partes. A primeira é o prefixo “pere” (пере), que contempla significados como: (a) orientação da ação através de algo (por exemplo: “pereshagnut” – atravessar, ultrapassar); (b) realização da ação outra vez e/ou de outra maneira (por exemplo: “peredelat” – refazer, reformar); e (c) superação (por exemplo: “perestradat” – superar um sofrimento) (ver OJEGOV, 1949/1990, p. 501). Nota-se o aspecto de processualidade e/ou movimento conferido pelo prefixo “pere”, semelhante ao que ocorre em português com “trans”<sup>22</sup>, como em “perekhodit” (transitar), “perenosit” (transportar) e “perestavliat” (transportar). A segunda é o radical “jivanie” (живание) do verbo arcaico “jivat”, que significa “viver” (OJEGOV, 1949/1990, p. 196). A relação com o verbo “viver” pode ter influenciado algumas traduções espanholas de “perejivanie” por “vivência” (e.g. VIGOTSKI, 1933-34/2006; e RUBINSTEIN, 1940/1967) e também brasileiras (e.g. VIGOTSKI, 1917/1999; 1925/1999; entre outras). Assim, se fôssemos recompor “pere” e “jivanie”, teríamos algo relativo a uma “transformação vital”/“vida em transformação” ou “transição vital”/“vida em transição”, o que ainda não constitui conceituação precisa ou tradução confortável. Numa região semântica próxima, alguns autores, em inglês, referem-se à “perejivanie”, em psicologia, como “living through” (e.g. VALSINER e van der VEER, 1991) – termo também de difícil tradução.

Entretanto, na fala russa cotidiana «переживание» denota agitação, inquietação, desassossego, aflição, sofrimento, em relação a algo ou por causa de algo. O que perpassa também algumas das acepções registradas por dicionários russo-português já citados, como: “aflição, preocupação” (ALPHALEX, 2005); ou ainda “provação” (VOINOVA e STARETS, 1986, p. 226). Assim, o aspecto negativo, doloroso, das emoções às quais a “perejivanie” está relacionada é algo predominante em suas acepções mais usuais (tb. KOLDAEVA, 2009, em comunicação pessoal). Por outro lado, segundo a professora Bela Kotik-Friegut, que estudou com Luria, a palavra “perejivanie” “não é apenas [relativa a] um afeto negativo (dor, eventos traumáticos, etc.). Nós podemos usá-la também em um contexto positivo. Eu me lembro de ouvir

<sup>21</sup> “Perejivaniia” aqui é o plural do nominativo. Nesse trabalho ao repetirmos as palavras russas não vamos declinar, então haverá apenas duas formas “perejivanie” (nominativo singular) e “perejivaniia” (nominativo plural), (como em VIGOTSKI, 1935/1994), do contrário teríamos 12 formas diferentes possíveis.

<sup>22</sup> Pelo Houaiss (2009): “**Trans-**: da prep. lat. *trans* ‘além de, para lá de; depois de’; na composição em lat., apresenta apenas as f. *trans-* e *tra-* (esta, antes de *d, l, m, n* e *i* e *u* sonânticos); na composição em port., com as f. *trans-*, *tra-*, *tras-* e *tres-*, reveste as aq. de **1**) ‘situação ou ação além de’: *transalpino*, *transatlântico*, *transfundir*, *transgredir* etc.; **2**) ‘travessia, transposição’: *transmigrar*, *transpassar/trapassar/traspasar/trespasar*, *transportar* etc.; **3**) ‘transferência, cessão’: *traduzir*, *transcrever*, *transferir*, *transplantar* etc.; **4**) ‘mudança, transformação’: *transfigurar*, *transformar*, *transmudar* etc.; **5**) ‘negação’: *transcurar*.” Também tem correspondência com o grego “**Meta-**”: “do gr. *metá* (adv. e prep., origin.) ‘no meio de, entre; atrás, em seguida, depois; com, de acordo com, segundo; durante’; já no próprio gr.cl. formava vocábulos com as idéias de: **1**) ‘comunidade ou participação’; **2**) ‘interposição ou intermediação’; **3**) ‘sucessão (no tempo ou no espaço)’; **4**) ‘mudança de lugar ou de condição’; em gr., ocorre na f. *met-* antes de vogal não aspirada e na f. *meth-* antes de vogal aspirada, formas sob as quais, como prefixos, se aglutina a derivados assim cunhados; há presença deste antepositivo, já em voc. origin. gregos, como *metábole*, *metáfora*, *metáfrase* e *metamorfose*, já em cultismos da terminologia científica, mais especificamente química, do sXIX em diante” (HOUISS, 2009). Se houvesse um neologismo para perejivanie em português, os decalques a partir de “trans” ou “meta” seriam candidatos. Mas não apostamos na eficácia desse recurso, nesse caso, pois deve se tratar de algo que todos vivemos e conhecemos com alguma intimidade, e não de algo que só pudesse figurar em vocabulários filosóficos herméticos (“transvitalidade”?) ou científicos artificiais (“metabiose”?).

sobre uma amiga: ‘Ela está passando por [perejivaet] um período de gato’. O que quer dizer: ela está alegre, louca de amor. Nós podemos falar sobre uma profunda alegria de vitória como perejivanie” (2009, p. única). Nesse caso, temos uma menção ao verbo “perejivat” (переживать), que indica a ação correspondente ao substantivo “perejivanie”: “emocionar-se; afligir-se; preocupar-se; viver; sentir” (ALPHALEX, 2005); e ainda “agüentar; sofrer (passar por); suportar; sobreviver” (ver RAMBLER, 2009). Assim, seja denotando algo positivo ou negativo, prazeroso ou doloroso, “perejivanie” e “perejivat” não parecem indicar qualquer “vivência” e/ou “experiência”, em seu sentido comum em português – mas algo especialmente intenso – o que nos textos de Vigotski, em parte se apresenta, em parte se dilui. Nessa direção, um significado ainda não mencionado é o de “perejivanie” como processo psíquico de superação interior de situações vitais adversas – algo bastante explorado por Vasiliuk (1984/1992, 1984/2009). Com o verbo “perestradat”, indicamos uma acepção do radical “pere”, ligada à ação de “transpor”, “transcender”, “superar”, “conduzir para além de dado ponto”. Esse radical cumpre tal função, entre outras. Entretanto, no campo semântico da própria palavra “perejivanie” também está o possível significado de transpor sentimentos dolorosos causados por situações críticas, como separações ou morte de pessoas queridas – ainda que mais para o verbo “perejivat” do que para o próprio substantivo. Trata-se de algo como um passar por uma provação, por-se à prova e/ou passar por ela\*. Um dos meninos atendidos por Vigotski na clínica, cujo caso foi relatado em “O problema do ambiente”, vive algo similar ao ser capaz de superar-se para cuidar de seus irmãos mais novos, ainda que não sem perdas, não sem aflição (e.g. VIGOTSKI, 1935/1994, p. 340 e 341)

De qualquer maneira, cabe ressaltar que o uso de “perejivanie”, como substantivo, no russo cotidiano é raro. Para falar daquilo a que “perejivanie” se refere, é mais apropriado, aos gêneros correspondentes à vida cotidiana, o uso de expressões compostas com o verbo “perejivat”. O substantivo “perejivanie” deriva do verbo “perejivat”, e como substantivo verbal geralmente vem sendo utilizado, pelos russos, em textos científicos e filosóficos. Nos textos psicológicos, “perejivanie” dá um acento ao processo, visando a uma análise detalhada que, na fala cotidiana, não é posta como objetivo. Mesmo na literatura, não é tão comum o uso do termo “perejivanie”. Um exemplo pode ser dado pelo livro “Crime e castigo” de Dostoi-evski (1866/2009), no qual o substantivo não é citado uma só vez, no entanto, o que se passa com seu personagem principal, Raskol’nikov, é objeto de análise no estudo de Vasiliuk sobre a “Psicologia da perejivanie” (1984/1992; 1984/2009). Mesmo assim, alguns períodos podem ser dados como exemplo do uso do substantivo e do verbo em situações possíveis no cotidiano: (1) “*Moia podrugá rasskazala mne liubovnikh perejivaniakh*” (Minha amiga contou-me sobre suas “perejivaniia” amorosas). Trata-se de seus “sentimentos amorosos”, “emoções amorosas”, por exemplo: dúvidas sobre seu namorado realmente a amar ou não, etc. (2) “*Perejivanie smerti druga stalo kriticheskim (povorotnim) momentom v ego jizni*” (A “perejivanie” da morte do amigo foi um momento crítico (de viragem) na vida dele). Trata-se de uma “aflição”, de um momento penoso e triste por causa da morte do amigo. Note-se

\* Há palavra próxima em português, embora soe áspera e distante do cotidiano: “metanóia”. “**Metanóia** é uma palavra de origem grega (μετάνοια, *metanoia*) e significa arrependimento, conversão (tanto espiritual, bem como intelectual), mudança de direção e mudança de mente; mudança de atitudes, temperamentos; caráter trabalhado e evoluído.” (ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Metanóia>). Pelo Houaiss (2009): “Metanóia **Acepções** ■ substantivo feminino **1** mudança essencial de pensamento ou de caráter **2** Derivação: por extensão de sentido. transformação espiritual **3** arrependimento por falta cometida; penitência **Etimologia** gr. *metánoia,as* 'mudança de sentimentos; arrependimento, mágoa; penitência', prov. pelo lat.tar. *metanoea,ae* 'arrependimento'; ver *met(a)-*". Também há o termo “метанойя” (metanoiia) em russo e preserva essas mesmas acepções gerais.

que, neste exemplo, mesmo retirando “perejivanie”, o sentido geral não muda: “A morte do amigo foi um momento crítico (de viragem) na vida dele”. “Perejivanie”, no primeiro caso, acentua que o homem estava sofrendo a perda do amigo todos os dias (ênfase no “processo”). No segundo caso, sobressai o acento para o fato da morte como acontecimento responsável por uma mudança significativa na vida dele (ênfase no “fato”). (3) “*Nakonets-to zavtra prazdnik! Ia tak perejivaiu!*” (Finalmente, a festa será amanhã! E eu “perejivaiu” tanto!). Trata-se de que “eu estou tão animada/animado”, o sentido é positivo, pois o dia era tão esperado e finalmente chegou. (4) “*Ves’ mir perejivaet ekonomitcheskii krizis*” (O mundo inteiro “perejivaet” uma crise econômica) – trata-se de “está passando por”, “atravessa”, “sofre”. Portanto, o verbo não se aplica só a situações de “transição” para pessoas, mas também nações, povos, instituições, etc., ou mesmo uma ciência. Por exemplo: “*glubotchaiskii krizis, perejivaemii sovremennoi psikhologitcheskoi misliu*” (A profunda crise que o pensamento psicológico contemporâneo “perejivaemii”) (VIGOTSKI, 1934/2009, p. 681). (5) “*Moi sin poshiol sdavat’ vstupil’nie ekazmeni v universitet. Ia tak za nego perevivaiu!*” (Meu filho foi fazer o exame para a universidade. Eu “perejivaiu” tanto com ele!). Trata-se de que estou tão “preocupado/preocupada” pelo fato de ainda não saber se ele vai passar ou não. Ocorre que não será comum uma mãe ou um pai dizer, nestas situações: “*la ispitivaiu perejivaniia*” (Eu passo por uma “perejivanie”). O habitual é que diga simplesmente “*la perejivaiu*” (Eu “vivencio/experienço”, “sofro”, “preocupo-me”, “aflijo-me”, etc.).

Podemos dizer que a multiplicidade de significados para “perejivanie” implica dificuldades para sua tradução nos textos psicológicos com os quais estamos habituados em português. Uma delas reside no fato de que se pode traduzir “perejivanie” por “experiência”. Contudo, outro termo psicológico não menos amplo e importante também é traduzido pela mesma palavra: “experiência” – trata-se de “opit” (опыт), um substantivo masculino. Consequentemente, surge a questão: as palavras “perejivanie” e “opit” indicam um só conceito? Se não, o que as distingue? Tomando o termo “opit” no léxico da língua russa, nos deparamos com as seguintes acepções gerais: “a representação na consciência das pessoas das leis do mundo objetivo e da prática social, obtida como resultado de seu conhecimento prático ativo”; e “a totalidade do conhecimento e habilidades, hábitos, práticos adquiridos” (OJEGOV, 1949/1990, p. 456). Por exemplo: “*U nego bolshoi jiznennii opit*” (Ele tem uma grande experiência de vida); ou ainda “*Ne vsem druz’iam mojno doveriat’. Ia ponial eto na svoem gor’kom opite*” (Nem em todos os amigos se pode confiar. Aprendi isso em minha penosa experiência”). Nestas definições gerais, vê-se que se “perejivanie” decorre de fortes emoções, “opit” decorre de atividades práticas, produzam elas emoções intensas ou não. Embora a linguagem poética possa também reservar, para essa palavra ligada à acepção mais genérica da “experiência”, sentidos de intensidade e/ou adversidade. Num verso de Pushkin<sup>23</sup>, de poema inacabado<sup>24</sup> de 1829 podemos ler: “*E “opit”, filho dos difíceis erros*” (itálico nosso). No que, entre múltiplos sentidos, podemos interpretar a “experiência”, então, como fruto de um processo difícil, laborioso, que deve custar tempo e energia para nossos erros e tentativas de corrigi-los. Pensando em relações entre “duração” e “experiência”, vale lembrar que Kotik-Friegut, chega a sugerir um critério “temporal” na distinção destes conceitos:

<sup>23</sup> Aleksandr Sergueevitch Pushkin (1799-1837) – conhecido como “o poeta do século dourado na literatura russa”.

<sup>24</sup> О сколько нам открытий чудных  
Готовят просвещенья дух  
И опыт, сын ошибок трудных,  
И гений, парадоксов друг,  
И случай, бог изобретатель...

“‘perejivanie’ relaciona-se com um processo e usualmente entende-se como experiência efetiva na consciência e ‘opit’ é algo já concluído, pertencente ao passado e/ou à ‘experiência social’ mais abstrata” (2009, p. única). Essa é uma interpretação traz novos parâmetros para a distinção conceitual, mas não deixa de nos apresentar dificuldades. Se, por um lado, “a totalidade do conhecimento e hábitos práticos adquiridos” pode indicar um patrimônio social deixado pelas gerações anteriores, por outro, aquilo que “resulta de um conhecimento prático ativo” não deixa de se processar também num tempo presente. Além disso, como denominar processos de “perejivanie” ocorridos no passado, mas presentes na memória? Definir “perejivanie” como “experiência efetiva na consciência” indicaria que a palavra só pode nomear um processo<sup>25</sup>, acontecimento ou fenômeno que se passa “aqui-e-agora”?

Se a atribuição de características diacrônicas para “opit” e sincrônicas para “perejivanie” nos deixa questões por aprofundar, outro modo de examinar similaridades e diferenças entre os significados destas palavras é situá-las no contexto da psicologia. Para tanto, tocando possíveis pontos a serem explorados posteriormente, podemos recorrer a contribuições gerais de Vigotski, figura importante na psicologia russa e internacional, cujas obras foram traduzidas a diferentes línguas, nem sempre diferenciando estes termos (sobretudo em inglês). Esse autor, em seu livro “Psicologia pedagógica”, escreveu que “a experiência [opit] do homem (...) é uma função complexa de toda a experiência [opit] social da humanidade e de seu grupo em particular” (VIGOTSKI, 1926/2004, p. 67-68)<sup>26</sup>. Tal afirmação desdobra-se no entendimento de que a experiência [opit] do homem inclui: (1) “experiência hereditária” [nasledstvennii opit]<sup>27</sup> – informação codificada no patrimônio genético da espécie, transmitida por herança, desde a concepção; (2) “experiência pessoal” [litchnostnii opit] – experiência obtida pelo homem pessoalmente em diversas situações de vida; (3) “experiência social” [sotsial’nii opit] – experiência de outras pessoas, com as quais este homem vive num mesmo tempo; e (4) “experiência histórica” [istoritcheskii opit] – experiência das gerações anteriores, que se perpetua em obras de arte, livros e assim por diante; e (5) “experiência duplicada” [udvoennii opit] –

<sup>25</sup> O conceito mesmo de “processo” solicita de nosso pensamento a noção de alguma duração. Seja relativo a um movimento contínuo e/ou descontínuo de dado aspecto da realidade, seja algo harmônico e/ou tenso, pautado em identidade e/ou contradição, “processo” vem a nos indicar algo que dura um tempo, mesmo que não se saiba quando exatamente iniciou ou terminará, nem quanto durará. A noção de “acontecimento” já é uma categoria a explorar junto à de “perejivanie” nos termos mencionados neste momento, pois pode indicar uma singularidade irreduzível, por um “acontecimento” ser justamente o que nunca aconteceu antes, nem nunca poderá repetir-se depois, o que pode ser elucidativo sobre uma unidade da consciência “em ato”, mas pode não se aplicar exatamente ao tema da “perejivanie”. E quanto ao “fenômeno”, talvez sua conotação de contato consciência-mundo, de interface instantânea, também importe para uma interpretação sobre a “perejivanie” como referente à consciência “aqui-e-agora” – só não é provável que seja uma opção vigotskiana.

<sup>26</sup> 1926 indica a primeira edição russa de “Psicologia pedagógica”, mas há registros de que o livro fora enviado para publicação em 1924/1925 pela Editora Estatal, não obtendo aprovação (ver KONTOPODIS, 2008), sendo publicado no ano seguinte pela “Rabotnik prosveshtcheniia” (Работник просвещения) – “Trabalhador do esclarecimento (iluminismo)”. Determinar com exatidão as datas de conclusão das obras de Vigotski em distinção às da primeira publicação não é tarefa simples. Na ausência de dados adicionais, manteremos as datas registradas por Tamara Lifanova (1996) correspondentes, via de regra, à data da primeira publicação, quando houve, e às estimadas para a conclusão dos manuscritos, quando não publicados. Outra fonte são as notas explicativas nas edições das obras escolhidas a que temos acesso. O tomo 1 da edição espanhola lista tais datas para todas as obras presentes nos seis tomos (VIGOTSKI, 1991) – “Psicologia Pedagógica” não é uma delas.

<sup>27</sup> Vigotski diz que “os reflexos inatos constituem o extrato biológico da experiência hereditária [nasledstvennii opit] coletiva de toda a espécie” (1925/1991, p. 45). Mas diferencia a amplitude da “experiência herdada” (nasleduemii opit) pelo homem e pelo animal, pois nós não temos só a “experiência herdada fisicamente” (idem, p. 45) cuja origem Darwin esclareceu, mas também a herdada de gerações anteriores, ou “experiência histórica”. Em “A cerca do problema do caráter”, discutindo a teoria dos reflexos condicionados, ele diz que “o momento que provoca mudanças, consiste precisamente nas condições que reestruturam a experiência hereditária [nasledstvennii opit]” (VIGOTSKI, 1928/1997, p. 171, cf. tb. 1928/2009). Já em “Psicologia pedagógica” os reflexos inatos não vêm como “nasledstvennii opit”, mas sim “naledstvenni reaktsii”. “Toda fórmula do comportamento do ser humano, em cuja base se encontra a fórmula do comportamento animal completado com novos elementos, adotarà o seguinte aspecto: (1) reações hereditárias [nasledstvennie reaktsii], mais (2) reações hereditárias multiplicadas pela experiência pessoal (reflexos condicionados), mais (3) experiência histórica, mais (4) experiência social, mais (5) experiência duplicada (consciência)” (1926/2003, p. 63). Sempre que lê “experiência”, trata-se de “opit” (cf. VIGOTSKI, 1926/2004).

a consciência<sup>28</sup>. Cabendo assinalar que Vigotski afirmava o caráter inseparável das experiências social e histórica (VIGOTSKI, 1931/1983, p. 84) – tanto quanto se supõe a integração dialética entre todas elas. “Perejivanie”, por sua vez, para ele, era definida, já em 1927, como a “denominação geral para a experiência [opit] psíquica direta em seu aspecto subjetivo” (VIGOTSKI e VARSHAVA, 1927/1931, p. 128)<sup>29</sup> e, mais tarde, como “atitude interior da criança [ou do homem] para com um ou outro momento da realidade” (VIGOTSKI, 1933-34/1966, p. 76-77). Deste modo, se a consciência é “um caso especial da experiência [opit] social” (VIGOTSKI, 1926/2004, p. 67-68) e a “perejivanie” é uma “unidade dinâmica da consciência”, como citamos antes, conclui-se que esta seja uma modalidade de experiência [opit] obtida numa situação concreta, pela qual junto ao homem constituíram-se certas atitudes subjetivas, i.e., correlatas às suas particularidades pessoais. “Perejivanie” não é sinônimo de toda experiência [opit] psíquica, mas *um dos aspectos* dela – considerada na totalidade e diversidade de ligações entre experiências hereditária, pessoal, social e histórica. Trata-se de uma categoria psicológica mais concreta, em comparação com o conceito mais amplo de “opit”. Toda “perejivanie” é “opit”, mas nem todo “opit”<sup>30</sup> apresenta-se como “perejivanie”. O tema das relações da “perejivanie” com as emoções com as quais está relacionada, e com a atividade prática mediante a qual toda experiência [opit] se constitui, torna-se objeto de investigação posterior. Uma “perejivanie” é uma emoção? Deriva de uma forte emoção? Deriva de uma prática que produz uma intensa emoção? É a própria “perejivanie” uma prática, uma atividade com relação a uma emoção intensa? Ou ainda com relação a uma emoção de qualquer natureza? São perguntas talvez simples, para as quais nem sempre as respostas estão dadas de modo explícito em diferentes textos de Vigotski, por exemplo, talvez também não, portanto, na nossa apropriação mais recente do conceito no contexto dos estudos em países ainda não familiarizados com a língua russa. Nesse sentido, apenas se reafirma a necessidade de estudar. Em seguida, apresentaremos mais algumas pistas, junto aos outros textos psicológicos.

### 3 SOBRE A PALAVRA “PEREJIVANIE” EM OBRAS DE L. S. VIGOTSKI<sup>31</sup>

Se, como dissemos, a “perejivanie” é apenas um dos aspectos, ou momentos, da experiência [opit] psíquica, não por isso deixa de ser um dos mais significativos para a psicologia de Vigotski. Trata-se, a princípio, de uma experiência ou vivência intensa e singular, que tem um lugar importante do ponto de vista da possibilidade de compreensão da totalidade à qual pertence e na qual cumpre sua função. Em dado momento do desenvolvimento das elaborações teóricas de Vigotski, isso se evidencia quando a “perejivanie” é assumida como “unidade dinâmica da consciência” – como já citamos. Nesta seção trataremos de parte de um estudo que pretende detalhar algumas das diferentes maneiras pelas quais a palavra “pereji-

<sup>28</sup> Duplicação relacionada ao fato de o homem poder ter a imagem mental de sua ação antes de realizá-la efetivamente. Ainda se pode antever uma noção de “duplo” nas definições de consciência ora como “reflexo de reflexos”, ora como “vivência de vivências” (1925/1991); quiçá ainda outros “duplos” (por exemplo, pode-se retomar a temática da “reversibilidade do signo” como relativa à constituição semiótica da consciência).

<sup>29</sup> As datas de produção e publicação são mesmo próximas, a cópia que temos é a da própria edição de 1931, em superfície. Só recentemente houve nova edição em russo (VIGOTSKI e VARSHAVA, 1927/2008).

<sup>30</sup> “Opit” é masculino, como marcamos no verso de Pushkin – “filho”, por “сын” (sin).

<sup>31</sup> Nosso desejo, por confrontar com a recepção do realizado, seria investigar sobre o conceito de “perejivanie” em outros psicólogos russos que o desenvolveram, após Vigotski, de modo mais ou menos próximo às suas orientações. Por “contribuições da psicologia russa”, entendemos algumas dentre as principais e não uma lista exaustiva. Destacamos, entre leituras já feitas e/ou por fazer, além de Vigotski: Serguei Rubinshtein, por sua organização e contribuição já clássica; Lidia Bojovitch por ter sido muito próxima de Vigotski e trazer discussões explícitas sobre “perejivanie” (BOJOVITCH, 1968/2009a; 1968/2009b); e Fiodor Vasiliuk, também já lido fora da Rússia, que estudou com A. N. Leontiev, e além de ter contribuições metodológicas em psicologia (VASILIUK, 1992/2009, 2003/2009), dedica todo um livro teórico à “Psicologia da ‘perejivanie’” (VASILIUK, 1984/1992, 1984/2009) e publica sobre implicações do conceito para a psicoterapia e outras práticas culturais (VASILIUK, 1997/2009, 2005, 2007, 2008). Como foi dito, devemos agora nos deter em algumas das contribuições de Vigotski.

vanie” se apresenta em textos conhecidos de Vigotski. Para tanto nosso projeto/desejo inicial de investigação se propõe a organizar-se em dois momentos: (3.1) “Perejivanie” no contexto de obras de Vigotski de 1917 e 1934; e (3.2) Questões sobre “perejivanie” como “unidade da consciência”. O primeiro momento será mais descritivo, uma pequena “topografia”, uma escrita sobre alguns lugares nos quais o tema está presente nas diferentes obras, e de que modo isso se dá, embora não necessariamente se coloque como central ou ubíquo. Assim como, investigando pistas complementares às noções mais explícitas sobre o conceito dadas nos trabalhos posteriores – sobretudo “O problema do ambiente” e “A crise dos sete anos”. O segundo momento, aqui apenas “taquigrafado”, indica a aspiração a uma discussão mais metodológica, no sentido de procurar compreender algumas implicações da proposição de “perejivanie” como “unidade dinâmica” para as orientações da perspectiva histórico-cultural sobre a “unidade de análise” em psicologia, inclusive do ponto de vista das possibilidades do estudo de sua gênese. Até aqui, o que foi possível efetivar é referente ao primeiro momento, como foi já sinalizado anteriormente.

### 3.1 “Perejivanie” no contexto de obras de Vigotski de 1917 a 1934

Nesta seção, temos dois objetivos básicos: (a) dar visibilidade ao termo “perejivanie” em obras de 1917 a 1934, nas quais ele pode passar despercebido em função das nuances de tradução, exceto aquelas em que a palavra é explicitamente referida como “unidade da consciência”, “unidade personalidade e meio”, etc. (o que seria material de trabalho para a seção “3.2”); (b) recolher alguns indícios de como o conceito se insinua ao longo do tempo nesses textos. O segundo, e mais importante, não será tomado no sentido de traçar uma evolução linear da discussão, mas de explorar a pluralidade de seus significados em semelhanças e diferenças, entendendo a produção do conjunto da obra de um autor como processo heterocrônico<sup>32</sup>. Processo no qual diferentes linhas genéticas avançam, retrocedem, separam-se, fundem-se, não em bloco, mas em tempos diversos: enquanto alguns processos estão em formação outros já ganharam forma, outros retrocederam ou subordinaram-se. Entendemos que na produção escrita de um estudioso, e mesmo em sua vida como um todo, o mais antigo se coloca em nexos intertextual com o mais recente e vice-versa, uma mesma obra inicial pode conter aspectos explorados em diferentes períodos posteriores do processo criativo do autor, do mesmo modo que uma obra tardia pode trazer as marcas de fontes anteriores pertencentes a distintos momentos históricos. Duas obras de um suposto “mesmo” momento cronológico podem não participar de um mesmo movimento dialógico em função dos interlocutores específicos ou genéricos a que se destinam, entre outras condições de produção do texto, impossíveis de se extrair mecânica ou exclusivamente das determinações político-ideológicas mais diretas ou evidentes, mesmo que elas não deixem de existir e ter peso. Desse modo, não adotaremos critérios prévios de “periodização” para o trabalho criativo de Vigotski, como têm feito alguns autores (e.g. MINICK, 1987; KELOG, 2009), nem pretendemos estabelecê-los ao fim<sup>33</sup>. Segue abaixo uma tabela apenas descritiva

<sup>32</sup> Segundo Valsiner e Van der Veer (1991) “heterocronia” é um aspecto importante na visão de Vigotski sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Talvez seja apropriado pensar o desenvolvimento do pensamento de um autor em termos similares – mesmo que em planos distintos.

<sup>33</sup> Um exemplo de “heterocronia” na produção de Vigotski pode ser o que se passa com a “Psicologia Concreta do Homem” (VIGOTSKI, 1929/1989, 1929/2009), no Brasil “Manuscrito de 1929” (1929/2000). Anotações que conteriam a lógica do capítulo 2 de “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” de 1931 (cf. PUZIREI, 1989) – ligado à “teoria histórico-cultural”. Obra, para alguns, de período do pensamento de Vigotski mais próximo ao materialismo soviético “ofi-

(não explicativa) e de caráter indiciário ou abdutivo (não indutivo), relativa à presença dos termos “opit” e “perejivanie” em obras que, em parte, serão qualitativamente tratadas em seguida.

ALGUMAS OBRAS DE L. S. VIGOTSKI:	Outras ≈ / =	Opit		Perejivanie	
		O.1 =	O.2 =	P.1 =	P.2 =
1917: A Tragédia de Hamlet	≈46.045	3	6	28	6+1
1925: A consciência como problema da psicologia	≈8.124	60		9	3+1
1925: Psicologia da Arte	≈94.110	88		68	29+3
1931: História do des. das funções psíqu. Superiores	≈126.305	397		23	6+0
1932: Sobre o prob. da psic. do trab. criativo do ator	≈3.580	2	6	20	2+1
1932: As emoções e seu desen. na idade infantil	≈7.421	9	5	21	3+1
1931-33: Teoria das Emoções ( <i>não cotejado</i> )	≈84.847	120		92	26+11
1934: Pensamento e Linguagem	≈133.694	226		16	8+0
Σ	≈504.126	922		270	80+18

Legenda: O.1 – o termo exato “opit” em suas declinações; O.2 – correlatos a “opit”, verbos, adjetivos, etc.; P.1 – o termo exato “perejivanie” em suas declinações; P.2 – o verbo “perejivat” + “perejivat’sia” (reflexivo) em suas conjugações.; ≈ – número aproximado (o real é um pouco menor, pois nesse momento, nestes casos não foram excluídos cabeçalhos da edição ou notas que não são do autor); = – número exato.

TABELA 1: PRESENÇA DE DIFERENTES PALAVRAS RELATIVAS À “EXPERIÊNCIA” EM ALGUMAS OBRAS DE VIGOTSKI EM LÍNGUA RUSSA.

O objetivo desse quadro (tabela 1) é apenas dar visibilidade a termos que em algumas traduções ficam indistintos ou mesmo passam despercebidos, diminuindo talvez a possibilidade de reconhecermos o contraste entre os diferentes sentidos atribuídos à mesma palavra ou de estabelecermos algumas ligações hiper/intertextuais de um contexto com o outro. Na sequência falaremos, por ordem cronológica, de “perejivanie” em suas acepções ora mais cotidianas, ora mais acadêmicas,<sup>34</sup> nos seguintes textos: “A tragédia de Hamlet” (VIGOTSKI, 1917/1999; 1917/2009); “Psicologia da arte” (1925/1999; 1925/2009a); “A consciência como problema da psicologia...” (1925/1991; 1925/2009b); “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” (1931/2000, 1931/2009b); “As emoções e seu desenvolvimento na idade infantil” (1932/1998; 1932/2009b); “Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator” (1932/1999; 1932/2009); e “Pensamento e Linguagem” (1934/1987; 1934/2001; 1934/2009). Em fase de cotejo para a elaboração dos comentários, ainda está o título: “Teoria das emoções” (1931-33/2004, 1931-33/2009). Para tanto está sendo feito, em

cial”. Noutro texto da época, “Dinâmica e estrutura da personalidade do adolescente” (VIGOTSKI, 1930-31/2006) – já ligado à “pedologia”, notam-se marcas (e.g. a dialética da alteridade entre Pedro e Paulo; e o papel distinto do sonho para o café) das mesmas anotações de 1929 que, em algo, também remetem ao livro tido como “mais oficial” (e.g. referências explícitas a Politzer; e a metáfora do telefone e da telefonista). Uma “mesma” fonte e destinos distintos: obras de um “mesmo” tempo, mas em frentes de trabalho diversas. Pois Vigotski teria migrado da teoria histórico-cultural para a pedologia (cf. VALSINER e van der VEER, 1991/1996). Mas que define um período, se num só ano há textos em duas frentes? Ou se uma só fonte pode conter subsídios para trabalhos posteriores distintos? Seria “A psicologia concreta do homem”, por exemplo, um texto “mais oficial”? Sobre a relação do livro “História do desenvolvimento” com o pensamento oficial de seu tempo, seria preciso averiguação mais apurada, por exemplo, sobre os motivos de o livro só vir a ser publicado pela primeira vez nos anos 60, e ainda assim parcialmente, só obtendo edição integral nas Obras Escolhidas, em 1983.

<sup>34</sup> Temos em mente a distinção vigotskiana entre conceitos cotidianos e acadêmicos, e a hipótese de que o entrelaçamento deles também se dá no interior dos próprios textos acadêmicos, sendo uma das marcas da polissemia das palavras que nos importam nesse estudo, isto é, uma polissemia não só relativa à multiplicidade de “referências objetivas” ou “conteúdos concretos”, mas também a distintos “graus de generalidade”, e modos de generalização.

protocolos à parte<sup>35</sup>, o cotejo de todas as menções à palavra “perejivanie” como substantivo, nos textos em russo, com suas respectivas traduções em português. Exceto “Para o problema da psicologia do trabalho criativo do ator” que foi confrontado como russo-inglês (VIGOTSKI, 1932/1999), com apoio de tradução nossa<sup>36</sup> e de “Teoria das Emoções” que pretendemos ver no confronto russo-espanhol (VIGOTSKI, 1931-33/2004). Para “opit” não foi feito o mesmo trabalho, embora na tabela as ocorrências também estejam registradas, apenas como modo de mostrar que, nas traduções com as quais temos familiaridade, podemos já ter nos deparado, sem necessariamente perceber, com estes conceitos que, no original, são distintos. Note-se que, apesar de não termos conferido cada ocorrência do termo “opit” e seus correlatos, é importante lembrar que em obras como “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” e “Pensamento e linguagem”, nas quais ela é bastante numerosa, não estão em jogo só palavras relativas à “experiência” em seu significado cotidiano ou filosófico e/ou psicológico, mas também em sua acepção de “experimento”, ou “experiência” como procedimento relativo ao método experimental. Não deixa de ser interessante o contraste entre as “quantidades” nas obras, apenas não será nosso objetivo aqui supor correlações entre elas e a orientação temática/conceitual de cada texto. Estabelecer ou não quaisquer suposições nesse sentido, é tarefa que fica a cargo do leitor, caso sinta necessidade<sup>37</sup>. A escolha destes textos deveu-se mais ao critério de disponibilidade e difusão dessas obras entre leitores brasileiros. Uma ausência importante é “O instrumento e o signo”, livro ao qual temos acesso tanto no russo como no inglês e que traz algumas menções interessantes à “perejivanie” também – fica postergado. Uma ausência, talvez bem mais surpreendente para o leitor habituado com as publicações de Vigotski no Brasil, é a da “Psicologia concreta do homem” (título em russo, mas não dado pelo próprio Vigotski) que no Brasil ficou como “Manuscrito de 1929”. Contudo, por motivos que podem ser objeto de análise posterior, a palavra “perejivanie” ou correlatos não aparecem nenhuma vez nesse texto, apenas por isso não está na lista. De fato, é justo lembrar que todo o tomo IV das Obras de Vigotski em espanhol está repleto do termo “vivência” em várias de suas sessões, mas até o momento em que começamos a sistematizar o cotejo, não tínhamos ainda tal volume em russo para conferir se sempre se tratava mesmo de uma opção de tradução para “perejivanie”. O que hoje já está em parte sanado<sup>38</sup>, mas não a tempo para maiores empreendimentos. Segue-se o que foi possível até o momento.

<sup>35</sup> Em anexo, apresentamos um exemplo de como esse material está sendo organizado – p. 41.

<sup>36</sup> Ver: VIGOTSKI, L. S. Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator (1932) - Tradução formato bilíngüe inglês/português, por Achilles Delari Junior com revisão técnica de Lulia Vladimirovna Bobrova Passos. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/16453402/Vigotski-Sobre-o-problema-da-psicologia-do-trabalho-criativo-do-ator-1932-rev-Lulia-VB-Passos>

<sup>37</sup> Vide por exemplo as proporções contrastantes entre as diferentes obras, havendo mais ocorrências de “perejivanie” e seus correlatos em: “A tragédia de Hamlet” (27 x 9); “A psicologia da arte” (99 x 88); “O trabalho criativo do ator (24 x 8); “As emoções e seu desenvolvimento” (25 x 14); e “Teoria das emoções” (129 x 120). E maior número de ocorrências de “opit” em: “A consciência como problema” (60 x 13); “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” (397 x 29); e “Pensamento e linguagem” (226 x 24).

<sup>38</sup> Digitalizações de parte dos tomos das obras de Vigotski, em russo, foram disponibilizadas recentemente por Nikolai Vere-sov, na comunidade “psyhistorik” do site “Live Journal”: <http://community.livejournal.com/psyhistorik/profile>. Além de alguns dos tomos das obras, podem-se encontrar ali documentos importantes como cópias em pdf da edição original de “Pensamento e linguagem”, de 1934, ou de partes da primeira edição de suas obras, já no período de degelo, em 1956.

*A tragédia de Hamlet (1917)*

Na edição brasileira de “A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca de W. Shakespeare” (VIGOTSKI, 1917/1999), o termo “perejivanie” é traduzido, por Paulo Bezerra, como “emoção”, “vivenciamento”, “vivência”, ou ainda por construções em que o substantivo dá lugar ao verbo “viver”<sup>39</sup>. Num primeiro momento, são citadas as “perejivaniia” místicas como aquelas às quais se compara a “sensação comovida” que temos diante de uma obra de arte e que se define por seu caráter inefável, isto é, impronunciável, impossível de transmitir-se em palavras. Este caráter inefável seria comum então às nossas “perejivaniia” diante da obra e às “perejivaniia” místicas, recorrendo à concepção de James sobre estas (ver VIGOTSKI, 1917/1999, p. XXV). Trata-se de uma problemática que não é apresentada de modo aleatório, ao contrário, está articulada ao problema metodológico da tarefa do crítico, a qual o autor se propõe assumir, e serve de base para uma distinção entre o “crítico-autor”, ou “crítico-criador”, e o “crítico-leitor”. Segundo Vigotski, o primeiro é capaz de superar a inefabilidade das “perejivaniia” frente à obra, “através da alegoria, do emprego original das palavras, de sua simbolização” (1917/1999, p. XXVII), enquanto “o crítico-leitor fica sempre sem palavras para transmitir o ‘prazer inexplicável’, o intangível” (idem). Pode-se dizer que, frente ao caráter específico de determinada “perejivanie” comparável à “perejivanie” mística, colocam-se possibilidades de relação distintas em função dos papéis sociais de criador ou de leitor. Contudo, a meta do crítico-leitor será cumprida se ele for capaz de “arrancar” da obra “entonações internas” de tal modo que o leitor (genérico) da tragédia também encontre nela tais tons... “se pela ‘perejivanie’ artística (sonho) o leitor perceber essa tragédia exatamente nesse sentido, nesses tons” (VIGOTSKI, 1917/1999, p. XXXVII). Contudo, neste livro, “perejivanie” não está apenas como tópico de reflexão metodológica, aparecendo ainda como relativa à ação específica do leitor com relação à obra, como, por exemplo, a “perejivanie” do “abismo” (voragem) frente ao qual a tragédia nos coloca (ver VIGOTSKI, 1917/1999, p. 2). E fala-se também das “perejivaniia” interiores do próprio Hamlet (idem, p. 39-40). Como veremos mais adiante, no livro “Psicologia da Arte” será retomada a relação entre a “perejivanie” do leitor e a do herói, e o tipo de desdobramento estético que isto proporciona.

Ao longo do texto, por várias vezes, sob a tradução de “emoção”, “vivência” ou “vivenciamento”, o termo “perejivanie” segue sendo utilizado como referente a algo que caracteriza a especificidade do herói, contudo, num dado momento, Vigotski chega a explicitar que há mesmo “perijivaniia” que distinguem o herói trágico, do qual Hamlet é um autêntico exemplar, de outros personagens dramáticos, para os quais há “perejivaniia que caracterizam o drama e poderiam transformar cada uma dessas personagens em herói de um drama” (VIGOTSKI, 1917/1999, p. 136). Contudo, no mesmo momento em que assume essa distinção, já afirma que esses mesmos personagens e seus dramas particulares não importam como tais, mas como “vítimas trágicas da tragédia de Hamlet” (idem, *itálico na fonte*). E logo se volta para Ofélia cujo traço trágico se destaca, inclusive pela especificidade de sua “perejivanie”. Segundo o crítico-leitor Vigotski, a tragédia de Ofélia é a mesma que a de Hamlet, mas com outra “lírica”, e estabelece uma definição: “chamamos *lírica* da tragédia a “perejivanie”

<sup>39</sup> Por exemplo, em: “A tragédia ocorre numa profundidade tamanha da alma humana que não conseguimos evitar a vertigem ao viver sua voragem” (p. 4), este “ao *viver* sua voragem” está por “при *переживании* ее бездн” (pri *perejivanii* eio bezdn) que também poderia, mais literalmente, estar como “com a *perejivanie* de seu abismo [voragem]”. A opção do tradutor, constitui, evidentemente, uma tradução possível, apenas destacamos que nela o substantivo não fica visível.

lírca efetivamente profunda da própria tragédia pelo herói, ou seja, o modo como a própria Ofélia “perejivaet” sua tragédia” (VIGOTSKI, 1917/1999, p. 136, itálico na fonte). Sem entrarmos no mérito do enredo da tragédia, cabe apenas destacar este lugar conceitual da “perejivanie” lírica na construção da própria crítica. Não é nosso objetivo levantar todas as nuances semânticas da palavra “perejivanie” ao longo de cada livro que cotejamos com a versão russa. E assim, aspectos relevantes podem ficar de fora, contudo caberia dar destaque ainda ao problema da “perejivanie” mística que já apareceu no início como análoga à do leitor e/ou expectador da tragédia. Ocorre que segundo Vigotski “Hamlet é um místico” (idem, p. 95) – com o qual estão relacionados não apenas “estados místicos em geral”, como também uma “aflição mística” (idem, idem, itálico na fonte). Nesse sentido, é interessante o recurso que Vigotski faz a William James para falar da “perejivanie mística”, agora como característica não do leitor, mas do próprio herói. Quatro são os “fantasmas dos estados místicos”, para James: I. inefabilidade; II. intuitividade; III. brevidade; e IV. inatividade da vontade. Tomando apenas o primeiro: a inefabilidade indica que os estados místicos da consciência identificam-se pela “impossibilidade de quem os vivencia [perejivshego] para encontrar palavras capazes de exprimir plenamente a essência dessa modalidade de “perejivaniia”; para conhecê-las, é necessário experimentá-las [ispitat’] na experiência [opit] pessoal e imediata, já que é impossível vivenciá-las [perejit’] com base em informações de estranhos. Daí se percebe que os estados místicos pertencem mais ao campo emocional que ao intelectual. É impossível explicar a qualidade ou o valor de qualquer sensação a quem nunca experimentou. É necessário ouvido musical para avaliar uma sinfonia. É preciso ter sido apaixonado para entender o estado do apaixonado. Se não temos coração, veremos o músico e o apaixonado como débeis mentais ou loucos, e os místicos acharão que é assim mesmo que muitos de nós lhes julgamos as [suas] “perejivaniia”” (JAMES apud VIGOTSKI, 1917/1999, p. 225)<sup>40</sup>. Cabe destacar que certo aspecto incomunicável de nossas “perejivaniia” volta a ser tratado em Vigotski: em “Pensamento e linguagem” (1934/2001; 1934/2009), com os versos de Tiutchev; no texto sobre “A imaginação e o trabalho criativo na infância” (1930/1987; 1930/1991; 1930/2004), dizendo das torturas e/ou martírios da criação; e ainda na discussão sobre o “paradoxo do ator” de Diderot, no estudo sobre a “Psicologia do ator” (1932/1999; 1932/2009); ainda que nesses lugares isso não se insinue, digamos, em termos de algo especificamente “místico”. Alguma similaridade com descrição dada por James para a “perejivanie mística” encontra-se também em Rubinshtein, ao seu próprio modo. Confronte-se: “Nenhum tratado psicológico substitui, para o homem, o que sente, se não tiver provado pessoalmente o amor, o fervor combativo e a alegria do trabalho criativo” (1940/2009, p. 19) – já citado em epígrafe aqui (p. 3).

### *Psicologia da arte (1925)*

“Psicologia da arte” é um livro em que a palavra “perejivanie” é citada com bastante frequência. Em português, ainda com a tradução de Paulo Bezerra (VIGOTSKI, 1925/1999), os termos comumente utilizados são também “emoção”, “vivência”, “vivenciamento”... Se no texto sobre Hamlet nos chamou a atenção o problema da “perejivanie” mística à qual a “perejivanie” do leitor se assemelha, assim como a do próprio herói, na “Psicologia da arte”,

<sup>40</sup> A referência exata não é dada na nota de fim de texto em que a citação aparece, mas na bibliografia geral consta o título: James, W. A diversidade da experiência religiosa (ed. em russo). Moskva, Izd. Russkaia Misl, 1910. O título original, de 1902, é *The Varieties of Religious Experience*, mas não tivemos ainda a oportunidade de cotejar com esta fonte.

desde o início, como problema metodológico também se põe para Vigotski a necessidade de buscar o que diferencia a “perejivanie” estética da “perejivanie” comum (ver 1925/1999, p. 19), ainda que essa especificidade não deva ser buscada no psiquismo individual do autor, nem no de quem aprecia a obra. Este objeto por cuja definição de especificidade a investigação é proposta, em português, vemos traduzido por “emoção estética”. Contudo, mesmo que se considere que a preocupação do tradutor não seja com a manutenção do rigor dos termos próprios do discurso psicológico, a opção por manter “emoção” para “perejivanie” não pode se manter por todo o texto, e a própria diferenciação conceitual acaba se impondo em dados momentos, por exemplo, no recurso ao verbo “perejivat’” – que formalmente também poderia ser traduzido por “emocionar-se”. Isso ocorre, por exemplo, quando Vigotski diz que: “A dificuldade não está em mostrar que o usufruto das obras de arte em cada época é de caráter especial, que *A divina comédia* em nossa época tem função inteiramente diversa daquela que tinha na época de Dante; a dificuldade está em mostrar que o leitor, que mesmo hoje sente o efeito das mesmas emoções [emotsii] formais que sentia o contemporâneo de Dante, vale-se de modo diferente dos mesmos mecanismos psicológicos e vivência [perejivaet] *A divina comédia* de maneira diferente” (VIGOTSKI, 1925/1999, p. 48). Pode-se constatar que até é possível conceber emoções comuns, socialmente partilhadas em função de uma dada forma artística que as solicita, sem que o ato, não menos social<sup>41</sup>, de vivenciá-las [perejivat’] seja o mesmo. Também mais tarde, no texto que foi denominado “O problema do ambiente”, uma organização similar do pensamento de Vigotski pode ser constatada ao dizer que diante de um mesmo meio social, três crianças em momentos de desenvolvimento distintos, poderiam ter “perejivaniia” diferentes – o que será retomado mais adiante. Outra pista, senão evidência, da distinção conceitual entre “perejivanie” e “emoção”, apesar de os dicionários permitirem tal tradução na linguagem cotidiana, está no fato de que no texto também podemos encontrar o termo “perejivanie” emocional, impossível de traduzir-se por “emoção emocional” ou “experiência emocional emocional” – essa adjetivação se repete várias vezes no texto “As emoções e seu desenvolvimento na idade infantil”, como veremos a seguir. Entretanto, não é só uma questão de léxico: “Além da impressão emocional [emotsional’nogo] suscitada pelos elementos isolados da arte, na reação estética podem distinguir-se com toda clareza vivências emocionais [emotsional’nie perejivaniia] de um determinado tipo, que não podem ser atribuídas a esses diferentes estados da alma” (VIGOTSKI, 1925/1999, p. 259). Note-se que não apenas as “perejivaniia” emocionais não são o mesmo que o conjunto de impressões emocionais, como ainda são aqui de “determinado tipo”, ou seja, próprio da relação do homem com a arte.

Há também aqui diversas passagens importantes que precisaremos omitir<sup>42</sup> e que dizem respeito à especificidade da “perejivanie” estética ou, ainda, “perejivanie” artística (como também ocorre em alguns momentos de o autor dizer) em função da organização formal da obra de arte em sua contradição dialética com seus conteúdos, nos gêneros da fábula, do conto e da tragédia. Contudo, atenhamo-nos agora a algumas questões levantadas pelo au-

<sup>41</sup> “A arte é o social em nós, e, se a sua ação se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e suas vivências pessoais. Por isto, quando a arte realiza a catarse e arrasta para esse fogo purificador as comoções mais íntimas e mais vitalmente importantes de uma alma individual, a sua ação é uma ação social.” (Vigotski - Psicologia da Arte, 1999, p. 315 - com correções a partir do russo).

<sup>42</sup> Veja-se, por exemplo, a interessante inclusão do “chiste”, o “humor” e a “comicidade”, como três modalidades de “perejivanie” diferenciadas por Freud, cuja explicação é, em termos gerais, acolhida por Vigotski nesse momento, exceto pela interpretação “energética” dada pelo primeiro, a qual ele contesta e rejeita (ver VIGOTSKI, 1925/1999, p. 295).

tor sobre essa especificidade em Hamlet, novamente, mas já em termos distintos. Vigotski vê componentes da fábula e do conto na tragédia, mas também indica haver nesta algo de original frente às primeiras, relativo à função desempenhada pelo herói. Segundo ele: “ao lermos *Hamlet*, movimentamos nossos sentimentos em dois planos: de um lado, temos consciência cada vez mais clara do fim para o qual se dirige a tragédia, de outro, percebemos com igual clareza o quanto ela se desvia desse fim. O que traz de novo o herói trágico? É evidente que em cada momento dado ele unifica ambos os planos, e é a suprema unidade permanentemente dada da contradição que serve de base à tragédia” (VIGOTSKI, 1925/1999, p. 244 – itálico na fonte). O ponto de vista do herói é peça chave na construção de toda a tragédia, e aqueles dois planos opostos (evidenciar o fim e ao mesmo tempo tangenciá-lo) unificam-se de modo contraditório “em uma “perejivanie”” (idem) atribuída a ele. Nesse sentido, a “perejivanie” do leitor/expectador da peça não é tratada mais exatamente nos termos da relação com o inefável, mas na da identidade com as contradições sentidas por nós como unidade, na “perejivanie” do herói. Poderíamos dizer que a “perejivanie” própria à nossa relação com a tragédia seja uma modalidade específica de uma categoria mais geral de que trata todo o livro que é a “perejivanie” estética ou “perejivanie” artística. Um ponto interessante a se destacar ainda é que já aqui, como também mais tarde no texto sobre “A crise dos sete anos”, a categoria “perejivanie” não é vista como um processo elementar, mas composto. Vigotski fala de uma “composição da “perejivanie” artística” (1925/1999, p. 266), na qual ganham um “lugar” (mesto) e um “sentido” [znatchenie<sup>43</sup>], numa relação de reciprocidade, “elementos” como a “contemplação” e o “sentimento”. Dito de outro modo, a composição da “perejivanie” artística não se identifica com a contemplação nem com o sentimento, mas se constitui como processo mais abrangente no qual estes componentes se situam e estabelecem suas relações recíprocas. Não se pode fazer equivaler exatamente “contemplação” com “cognição”, mas há certa analogia com a posterior elaboração sobre a “perejivanie” como unidade “cognitivo-afetiva” no texto do “Problema do ambiente”<sup>44</sup>. Pode-se acrescentar que Vasiliuk (1984/1992; 1984/2009), por sua vez, conceberá “perejivanie” como *atividade*, opondo-se à psicologia tradicional que a concebe como *contemplação*. O que é bastante interessante, na medida em que para esse autor “perejivanie” não mais se resume ao processo de ser arrebatado por um sentido para a intensidade do que se vive, mas também, e principalmente, produzi-lo. Discussão que implica distanciarmos já um tanto da especificidade da psicologia da arte e nos aproximarmos da psicologia geral.

### *A consciência como problema da psicologia (1925)*

No célebre artigo “A consciência como problema da psicologia”, em português, traduzido do espanhol por Claudia Berliner, o termo “perejivanie” vem a figurar como “vivência” e também, várias vezes, como “sensação” – algo que se repetirá na outra obra traduzida do espanhol que confrontamos com o russo: “As emoções e seu desenvolvimento na idade infantil”. O contexto teórico da produção desse artigo, pode-se dizer, é distinto daquele das duas obras anteriores, pois aqui se trata não apenas da especificidade estética de uma dada obra (como no “Hamlet”), nem mesmo da compreensão mais geral sobre as “perejivaniia” estéti-

<sup>43</sup> Se formos considerar o par clássico “sentido” e “significado”, “znatchenie” é o que conhecemos por “significado”, enquanto “sentido” traduz “smisl”. Mas Paulo Bezerra aqui o traduz “znatchenie” como “sentido”.

<sup>44</sup> Ainda no texto sobre “A crise dos sete anos”, a “atenção” e o próprio “pensamento” são denominados “elementos” e não unidades, os quais carecem de outros elementos para compor a unidade da consciência.

cas produzidas por diferentes gêneros literários (como na “Psicologia da arte”). Trata-se, digamos, de um problema de abrangência maior em termos das suas conseqüências metodológicas: a definição do objeto da psicologia como ciência, na perspectiva do projeto teórico de Vigotski. Para termos uma breve noção de como o conceito de “perejivanie” (não) aparece no texto em português, citaremos com a palavra russa entre colchetes, dessa vez: “A consciência das próprias sensações [perejivaniia] nada mais significa do que sua posse na qualidade de objeto (excitante) para outras sensações [perejivaniia]. A consciência é a vivência [perejivanie] das vivências [perejivaniia]<sup>45</sup>, assim como as simples sensações [perejivaniia] são as sensações [perejivaniia] dos objetos. Precisamente, a capacidade do reflexo (a sensação [perejivanie] do objeto) de ser um excitante objeto da sensação [perejivanie] constitui o mecanismo de transmissão de reflexos de um sistema a outro. É aproximadamente isto que V. M. Bekhterev denomina reflexos subordinados ou não-subordinados” (VIGOTSKI, 1925/1926, p. 71). Mesmo que em termos reflexológicos, pode-se notar que o conceito de “perejivanie”, já em 1925, toma lugar na definição do conceito de consciência, portanto na própria definição do que venha a ser o objeto da psicologia. Não figura aqui como “unidade dinâmica da consciência”, mas, num certo sentido, é a própria consciência, se pudermos admitir a consciência como uma “perejivanie” de “perejivaniia”, “experiência de experiências”, ou “vivência de vivências”... mais difícil apenas seria dizer “experiência emocional de experiências emocionais”. O que é a consciência nesse momento? Uma “perejivanie” que tem uma outra por objeto. Pode-se entender como uma “duplicação”, ainda que não como cópia, mas uma duplicação em “ordem superior” – “exponencial”, por assim dizer. Mantendo a metáfora matemática: não apenas “multiplicação”, mas “potenciação”. Ainda assim a consciência como “perejivanie”, isto é, como uma modalidade dela. O que coloca também uma diferenciação interessante, retomada na discussão sobre as idades: a de que pode haver “perejivaniia” não conscientes, e também aquelas conscientes. No texto da “Crise dos sete anos”, será dito que a criança aos sete anos toma consciência de suas “perejivaniia” (VIGOTSKI, 1933-34/2006). Contudo, isso deixa mais questões em aberto do que as elucida. Por exemplo, como ficaria a noção de consciência como “experiência [opit] duplicada”? Como tratar a consciência que possa ter uma criança pré-escolar do mundo ao seu redor, mesmo que não tenha ainda uma “formação afetiva” que generalize suas “perejivaniia” com relação à sua própria avaliação de si? Frente à segunda pergunta, coloca-se o problema da ontogênese da consciência, e do próprio lugar da “perejivanie”, ou seu plural, no desenvolvimento ontogenético, o qual desejamos abordar no futuro. Frente à primeira, coloca-se o problema das relações recíprocas entre “opit” e “perejivanie”, sendo “opit” mais geral. Mas, será que, em dado momento da elaboração teórica, “perejivanie” acaba ganhando uma generalidade maior que a de apenas uma das ocorrências particulares da categoria mais abrangente e/ou de maior peso metodológico? Retornando ao artigo de 1925, poderíamos assinalar ainda outra passagem<sup>46</sup> em que nosso tema é tratado pelo autor, mas que não muito acrescentaria ao exposto aqui, de modo que passamos à próxima obra.

<sup>45</sup> É incorreto escrever desse modo, pois a palavra “perejivaniia” é um nominativo plural, mas se formos declinar em todas as situações talvez fique mais confuso do que esclarecedor nesse momento. A edição em inglês também não declina, deixa apenas a diferenciação entre o nominativo singular e plural. Aqui a intencionalidade em se deixar formas russas é justamente a de tentar não forçar o leitor à nossa preferência para a tradução ao português. Até em função de que já se estabeleceu um hábito em torno de “experiência emocional” a partir do inglês, o qual pode manter-se ou não.

<sup>46</sup> Ver: “Não se pode pensar o próprio pensamento, captar o mecanismo específico da consciência, precisamente porque não é um reflexo, ou seja, não pode ser objeto de vivência [perejivanie], excitante de um novo reflexo, mas é um mecanismo transmissor entre sistemas de reflexos.” (VIGOTSKI, 1925/1996, p. 79) – Vigotski aqui ainda carece de recursos conceituais mais potentes para pensar a materialidade neurofuncional da consciência. A neurociência russa avançou bastante desde então. Mas essa discussão foge da nossa proposta aqui.

*História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores (1931)*

Nesta obra, em sua tradução espanhola, talvez a mais acessível no Brasil, o termo “perejivanie” aparece sempre como “vivência”, exatamente nos capítulos 1, 2, 3 e 9. Os três primeiros são de natureza metodológica geral: “1. O problema do desenvolvimento das funções psíquicas superiores”; “2. Método de investigação”; e “3. Análise das funções psíquicas superiores”. O nono capítulo trata do problema mais específico do “Domínio da atenção”. Assim, no primeiro capítulo, Vigotski situa o conceito de “perejivanie” num contexto metodológico tanto quanto o fizera em 1925, em “A consciência como problema”, mas dessa vez o faz, de início, criticando o modo de proceder da “velha psicologia” (psicologia subjetiva). Nela, a investigação extrairia “elementos primários não divisíveis” das “perejivaniia”. Estas seriam, portanto, decompostas em seus elementos constitutivos, que se tomavam de modo isolado: sensações; sentimento de prazer-desprazer; esforço volitivo; atenção; associações... Embora não explicita aqui a noção de “perejivanie” como “unidade”, insinua-se que as “perejivaniia” são *compostas* e que sua decomposição em elementos implica alguma perda para a investigação. Contudo, nesta mesma passagem, a atribuição de um caráter unitário composto para cada “perejivanie” oscila um tanto, pois chega a dizer também que “os processos superiores e complexos eram fracionados em seus elementos componentes, reduzindo-os completamente a combinações (diversas quanto à sua forma e nível de complexidade) das “perejivaniia” ou processos primários. Desse modo, surgiu um enorme mosaico da vida psíquica, formado por peças diversas de “perejivaniia”, um grandioso quadro atomístico do fracionado espírito humano.” (VIGOTSKI, 1931/2000, p. 15). Assim, tanto se pode entender uma “perejivanie” como unidade cujos componentes elementares não deveriam ser tomados de modo isolado, quanto como um “processo primário” que pode ser combinado com outros também “elementares”. Este duplo aspecto da “perejivanie”, como composta de elementos e como componente de formações mais complexas, será retomado adiante. Explorando, por ora, mais um pouco do problema metodológico, cabe dizer que a crítica feita por Vigotski ao fracionamento do todo complexo é dirigida não só à “velha psicologia” (subjetiva) como também à “nova psicologia” (objetiva) – como na reflexologia e no behaviorismo. Entretanto, se critica o elementarismo subjetivista ou objetivista, também não adere ao holismo espiritualista da psicologia compreensiva. Esta vê os processos complexos não como dedutíveis do funcionamento de glândulas, mas como “representados em perejivaniia”. Contudo, nesta representação, processos elementares e superiores seriam indistintos: “Em uma existência ideal, independente, encerrada em si mesma se diluem por igual os princípios tanto naturais como culturais do indivíduo [personalidade<sup>47</sup>]” (VIGOTSKI, 1931/2000, p. 26). Como é próprio da teoria histórico-cultural, entende-se que as diferentes linhas genéticas se entrelaçam, mas são distintas. Assim, supõe-se que o biológico e cultural, o elementar e o superior, compõem uma mesma totalidade funcional, estrutural e dinâmica, mas não figuram nela de modo indistinto, indiscriminado, quando vistas sob o olhar da investigação psicológica – mas de modo sistêmico e inter-funcional.

Deixando de lado colocações pontuais, como no capítulo 2, sobre a prevalência do método S-R, que fala do estudo de “perejivaniia emocionais” provocadas por “estímulos emocionais”, vale destacar que, no capítulo 3, o problema da decomposição volta a ser menciona-

<sup>47</sup> Aqui se traduziu “litchnost” – no contexto da psicologia correspondente à “personalidade” – por indivíduo. Do mesmo modo que faz Paulo Bezerra faz em “A construção do pensamento e da linguagem”, optando por “estrutura interior do indivíduo” (VIGOTSKI, 1935/2001, p. 466), onde poderíamos ter também “estrutura interna da personalidade”.

do, numa crítica ao método fenomenológico que se opõe à psicologia explicativa. Vigotski, nesse momento, diz ser necessário abordar o “problema da análise” antes da “análise dos problemas” (1931/2000, p. 97). “O método analítico se aproxima do fenomenológico e a tarefa da investigação psicológica se reduzia a fracionar o complicado conjunto das “perejivaniia” ou dos dados diretos da consciência em seus elementos componentes. Em concordância com esse critério, a análise coincidia com o fracionamento das “perejivaniia” e de fato contrapunha essa concepção à psicologia explicativa” (idem, idem). Nota-se que aqui não apenas uma “perejivanie” é unitária, como vimos antes com a noção da “perejivanie artística” como unidade “contemplação-sentimento”, mas a unidade em jogo é ainda a de um “conjunto das “perejivaniia””. Noção de conjunto que também poderá ser extraída do conceito de “formação afetiva” no texto sobre “A crise dos sete anos”. Além disso, cabe destacar que o autor diz “conjunto das “perejivaniia”” ou “dos dados diretos da consciência” – o que poderia indicar uma reiteração do conceito de “perejivanie”, de 1927, em Vigotski e Varshava, como “experiência [opit] psíquica direta em seu aspecto subjetivo” (1927/1931, p. 128). Mais tarde, se marcará ainda que uma “perejivanie” não é apenas sempre “de alguém”, mas também sempre “com relação a algo”. De qualquer maneira, em sua crítica à análise vigente das funções psíquicas superiores, Vigotski afirma que a velha psicologia “ou bem se contrapõe à explicação (como ocorre na psicologia descritiva), ou bem se reduz a descrever e fracionar exclusivamente as “perejivaniia”, sendo incapaz de revelar o nexo dinâmico-causal e as relações que subjazem a alguns processos complexos” (1931/2000, p. 98). É em busca desse nexo dinâmico-causal que está o autor nesse momento: não visa “descrições”, mas explicações; não se contenta com “aparências”, mas almeja a “essência”; contrapõe-se a uma psicologia “subjetiva” e pretende propor uma “objetiva”. Nesta direção, chega a dizer: “não nos interessa, por exemplo, a “perejivanie” direta do livre arbítrio que nos fez conhecer a análise introspectiva, senão o nexo real e as relações entre o externo e o interno que constituem a base desta forma superior de conduta” (idem, 104). Em 1934, no primeiro capítulo de “Pensamento e linguagem”, o autor afirmará ainda que aquela “perejivanie” direta só será acessível a outras pessoas não mediante pura associação com o componente sonoro das palavras, mas por intermédio de um ato de generalização que constitui a linguagem como tal – o qual situa uma “perejivanie” em “determinada classe de estados conhecidos pelo meu interlocutor” (VIGOTSKI, 1934/2001, p. 13).

Entretanto, como já havíamos dito, no livro “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” há certa oscilação quanto ao caráter composto e/ou componente das “perejivaniia”. É o que se apresenta, noutra momento, ainda no campo da discussão sobre o “problema da análise”, quando o autor destaca limitações de uma abordagem descritiva das “perejivaniia” do sujeito e chama a atenção para que, por mais que se as descreva com escrupulosa exatidão, isso não se faz suficiente, já que “a “perejivanie”, por si mesma, não constitui um processo integral de reação, nem sequer a sua base fundamental, senão tão só uma faceta do processo que também deve ser explicada” (VIGOTSKI, 1931/2000, p. 110). Não é tão destoante a proposição de a “perejivanie” não explicar-se e demandar ela mesma ser explicada, posto que a mesma argumentação foi aplicada anteriormente ao problema da “consciência” que demanda para si um “princípio explicativo”, um “extrato da realidade” do qual ela seja função (ver VIGOTSKI, 1925/1991, 1925/1996, 1925/2009b). O que geraria mais dúvida nessa passagem seria a afirmação de que a “perejivanie” “não constitui um processo integral” – o que aparentaria ser um critério para entendê-la, como “unidade” dinâmica da consciência, “unidade” personalidade-meio, “unidade” cognição-afeto, “unidade” contem-

plação-sentimento... Pode-se interpretar que, no contexto desta discussão metodológica, na qual Vigotski busca especificar os termos de uma abordagem objetiva, dinâmico-causal ou genética, esteja em pauta mais a crítica do conceito de “perejivanie” na psicologia que substitui “as relações lógicas dos objetos pelas relações fenomenológicas das “perejivaniia” do sujeito” (1931/2000, p. 112), do que sua definição como figuraria numa abordagem histórico-cultural. Podemos encerrar este tópico, exemplificando a ênfase de Vigotski, nesse momento, sobre o “lógico” (objetivo) em oposição ao “fenomenológico” (subjetivo), com o que é apresentado em seu capítulo sobre o “domínio da atenção”, processo que mais tarde dirá não poder ser uma “unidade” da consciência, mas um “elemento” dela (1933-34/2006). O autor discute os estudos de Titchener, para quem há três etapas da atenção, mas um só processo psíquico, de modo que algo de tais etapas muda a complexidade da “perejivanie”, mas não o seu caráter. Ao abstrair qualquer mudança no caráter, Titchener se manteria fixo nas “perejivaniia”, e não na função objetiva do processo (ver VIGOTSKI, 1931/2000, p. 222). De modo que Vigotski aqui reserva, mais uma vez, para a “perejivanie” uma acepção de algo mais subjetivo, como na psicologia clássica. Por outro lado, ao falar da chamada “perejivanie de esforço”, relacionada ao domínio da atenção, diz que se trata de algo incompreensível mediante a análise subjetiva. Tal “perejivanie” consiste em “orientar processos de atenção em outro sentido” (idem, p. 223), o que envolve conflitos e lutas, e não pode ocorrer sem desgaste de forças nem sem trabalho interno do sujeito, nem tampouco de modo automatizado. Deduz-se que o autor relacione este processo ao conjunto das condições objetivas da situação social que cobra atenção de alguém. Não haveria já aqui algum indício de que, sendo possível compreender determinadas “perejivaniia” apenas mediante a sua relação com aspectos objetivos da atividade humana, caberia então compreender a própria definição de “perejivanie” como relativa não só à sua dimensão íntima e inefável, como também à sua relação com a realidade objetiva? Em textos posteriores a definição deste processo como unidade entre personalidade e meio se tornará mais explícita – como no texto sobre “O problema do ambiente” e em “A crise dos sete anos”, cujo estudo que vimos fazendo ainda não ganhou forma para ser apresentado. Poderemos, no entanto, marcar, no próximo tópico, algumas ligações a mais do conceito de “perejivanie” com a definição do objeto da psicologia, dessa vez no campo mais específico do estudo das emoções.

#### *As emoções e seu desenvolvimento na idade infantil (1932)*

Como acabamos de ver no tópico anterior, o signo “perejivanie” já está bastante presente nas abordagens teóricas criticadas por Vigotski, sendo arena de lutas teóricas acirradas. Se isso se dá no campo geral do estudo da consciência e das funções psíquicas superiores, também ocorre algo similar no estudo específico das emoções – ele também faz uma discussão crítica sobre o tratamento dado às “perejivaniia” emocionais na psicologia tradicional. Na tradução brasileira, feita do espanhol por Claudia Berliner, do texto “Emoção e seu desenvolvimento na idade infantil”, de 1932, a palavra “perejivanie” está praticamente todas as vezes substituída por “sensação”, com a exceção de uma passagem em que aparece como “vivência” e outra como “sofrimento”. Várias vezes temos no texto a expressão “*perejivanie emocional*”, como também chega a aparecer em “*Psicologia da arte*”, além de eventuais menções à “*perejivanie estética*” ou “*perejivaniia intelectuais*”, entre outras adjetivações. Um primeiro ponto a merecer destaque aqui é o de vermos, já nas teorias psicológicas anteriores a James e Langue, a “perejivanie” como um processo algo distinto da emoção, não se

identifica com ela, mas se realiza com relação a ela. Em tais teorias se pode identificar três momentos no desenvolvimento do processo emocional: (1) “o acontecimento externo ou interno, cuja percepção provoca uma emoção (digamos, a presença de um perigo)”; (2) “a “*perejivanie*” da própria emoção (sentimento de terror)”; e (3) “a correspondente expressão corporal, orgânica (as palpitações do coração, a palidez, o tremor, a secura de garganta, todos os sintomas que acompanham o medo)” (1932/1998, p. 83). Para James e Languette inverteu-se a ordem dos momentos “2” e “3” – primeiro surgem as alterações orgânicas básicas (vasomotoras ou viscerais) e então ocorre sua “percepção” por nós, ou nossa “*perejivanie*” com relação a elas. Pela fórmula clássica de James: “não choramos porque estamos aflitos, mas ficamos aflitos porque choramos” (paráfrase nossa). Podemos interpretar que ainda aqui há um processo de segunda ordem que constitui o sentimento da aflição – o qual então se vinha nomeando como a “*perejivanie* da própria emoção”. Vigotski diz que esta teoria teve aspectos sedutores como, por exemplo, sua capacidade de explicar “porque emoções que não fazem falta a ninguém, restos da existência animal, continuam vivas e se revelam, do ponto de vista da experiência retrospectiva, “*perejivaniia*” tão importantes, tão consideráveis, que são as que estão mais próximas do núcleo da personalidade. Vocês mesmos sabem que as “*perejivaniia*” mais emotivas são as “*perejivaniia*” pessoais internas” (idem, p. 83-84). Trata-se de um trecho um tanto hermético, pois não explicita que “restos de existência animal” seriam estes, mas insinua haver alguma gradação entre “*perejivaniia*” mais ou menos “próximas do núcleo da personalidade” e mais ou menos “emotivas”, além de indicar que há aquelas “pessoais internas”, porventura distintas de outras que não o fossem. Contudo, mesmo supostamente possibilitando compreender a importância dos ditos “restos da existência animal”, e sendo recriminadas como materialistas, tais teorias não assumiram esta denominação para si. E comportavam, justo com base em tal anti-materialismo, sobretudo em James, uma rigorosa diferenciação entre emoções “inferiores”, herdadas dos animais – “como o terror, a ira, o desespero, a fúria” (idem, p. 84) – e as “superiores”, propriamente humanas – “como o sentimento religioso, o sentimento de amor do homem pela mulher, a “*perejivanie*” estética, etc.” (idem, idem). Vemos que, aqui, por um momento, já nem se mantém a diferenciação antiga entre a “emoção” provocada por dado acontecimento e a “*perejivanie*” da própria emoção – a “*perejivanie* estética” chega a figurar como uma modalidade, ou tipo, de “emoção superior” na mesma série que o sentimento religioso, etc. Do mesmo modo, comentando James, no que se refere aos processos propriamente humanos, Vigotski fala já de “emoção” e “*perejivanie* emocional” praticamente como sinônimos: “Todas as emoções, todas as “*perejivaniia*” emocionais, diretamente entrelaçadas em nossos processos de pensamento e que são parte inalienável do processo integral dos raciocínios, eram diferenciadas por ele [James] dos fundamentos orgânicos, e considerava-os como um processo *sui generis*” (1932/1998, p. 85).

Assim, o problema das “*perejivaniia* emocionais” e/ou emoções propriamente humanas, em James, acaba sendo retratado como tendendo ao idealismo, na avaliação de Vigotski. Mas também é interessante que além dessa crítica de cunho mais epistemológico, serão apresentadas contestações àquela teoria, justamente no campo experimental – no qual procurou se manter como válida para o outro pólo de seu dualismo: o “corpo”. Contestações que têm exemplo paradigmático nos estudos de Cannon, cujos resultados teriam mostrado não haver uma emoção específica para cada estado e/ou alteração do organismo frente a dada situação que a provocasse. Ou melhor, se fosse abstraída a situação que concretamente provocaria determinadas emoções, mas se induzisse alterações orgânicas pela injeção de substân-

cias, os sujeitos não apresentariam as mesmas emoções. Segundo Vigotski: “As tentativas de criar uma “*perejivanie*” interna na pessoa que realiza o teste, ou seja, a percepção consciente provocada experimentalmente por mudanças orgânicas internas, conduzia apenas a que se produzisse um estado que lembrava a emoção, mas a própria emoção, no sentido verdadeiramente psicológico, não existia” (1932/1998, p. 91). Sobre o termo “*perejivanie*” então, nesse contexto, o vemos definido como “percepção consciente”, um ato de consciência, realizado com relação às mudanças orgânicas, provocadas nesse caso não por situações correntes, mas induzidas por substâncias. Embora, no texto, o autor não se detenha explicitamente na definição conceitual do termo “*perejivanie*”, está evidenciada aqui sua relação com a teoria das emoções, ainda que em alguns momentos se veja mais o seu lugar como o de um processo que o ser humano realiza “com relação” às suas próprias emoções e, em outros momentos, como de um sinônimo de uma emoção “superior” (como “*perejivanie* estética” ou “*perejivanie* intelectual”). Também não é possível retomar aqui, em detalhe, toda a rica discussão teórica da conferência, mas algumas passagens em que o autor se pronuncia sobre o tema “*perejivanie*”, em diálogo com diferentes autores, ao longo do texto, podem ser destacadas. Dos estudos de Adler, se obtém contribuições relativas ao fato de que a emoção não se relaciona apenas como uma situação instintiva, mas “é também um dos momentos que formam o caráter (...), por um lado, os conceitos gerais do homem sobre sua vida, a estrutura do seu caráter, se veem refletidos num determinado círculo da vida emocional e, por outro, são determinados por estas “*perejivaniia* emocionais” (VIGOTSKI, 1932/1998, p. 97). Também Bühler busca se afastar das explicações organicistas, diferenciando-se de Freud quanto à determinação da atividade da criança pelo “princípio do prazer”. Segundo aquele autor, o próprio prazer “muda de lugar dentro do sistema de outras funções psíquicas”. Sua teoria identifica três momentos: (1) o primeiro estágio é o *Endlust*, isto é, o prazer final”, no qual a “*perejivanie* emocional” se encontra “no final da atividade instintiva”; (2) “o segundo estágio é (...) o do prazer funcional (*Funktionslust*) (...), quando o que causa prazer à criança não é tanto o resultado, quanto o próprio processo da atividade”; e (3) um terceiro estágio (*Vorlust*), “relacionado com a antecipação do prazer, ou seja, com a “*perejivanie*” emocionalmente impregnada, que surge no começo do processo” (ver VIGOTSKI, 1932/1998, p. 98-99). Nestas três fases, ocorre um deslocamento do “ponto central da “*perejivanie*” global na criança” (idem, p. 99). A essência da terceira fase, ou estágio, reside no que Bühler chama de reação de adivinhação (ou “*aga-reaktsiia*”) <sup>48</sup>. Por último, podemos, também de passagem, lembrar a importante contribuição de Kurt Lewin, que teria mostrado “como um estado emocional se transforma em outro, como surge a substituição das “*perejivaniia*” emocionais, como uma emoção não resolvida continua existindo, com frequência, ocultamente. Mostrou como o afeto faz parte de qualquer estrutura com que se relacione” (idem, p. 103). Tais autores mostram ter em comum um aporte que dá às emoções um lugar central na organização dos processos psíquicos propriamente humanos – e, nesse contexto, o termo “*perejivanie*” se repete ainda oscilando entre forma elevada de emoção e ação humana com relação às emoções.

<sup>48</sup> Note-se que em “Pensamento e linguagem”, Vigotski (1934/1987; 1934/2001; etc.) trata do tema da “*aga-perejivanie*” – que em inglês, por exemplo, pode traduzir-se pelo constructo “aha-experience”, ou “*perejivanie*” da descoberta intelectual, do “insight”. Algo como uma vivência/experiência do momento de “eureka” – a partir do qual um pesquisador, por exemplo, pode dar continuidade ao restante de seu trabalho, satisfeito como que por já ter encontrado a chave básica para abrir a “criptografia” de seu objeto de estudo naquele momento. Uma superação das “torturas da criação”, talvez, em certo sentido. Questão também possivelmente relevante do ponto de vista educacional, pedagógico.

*Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator (1932)*

No campo da “Psicologia da arte”, pelos trabalhos que comentamos anteriormente, ora se abordou a “perejivanie” do leitor, que se assemelha de início à “perejivanie” mística, ora a do herói, com cujos conflitos nós, como leitores, nos identificamos. Já no texto “Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator”, de 1932, a modalidade de “perejivanie” principalmente mencionada por Vigotski é a do próprio “ator”. Trata-se agora não da “perejivanie” de um espectador de uma peça de Shakespeare, nem daquela de Otelo (em seu ciúme) ou de Hamlet (em sua vacilação), mas da vivida por um homem concreto que interpreta tais papéis, com os sentimentos que eles significam. Na versão desse texto de que dispomos em língua mais familiar, o termo “perejivanie” é traduzido sempre como “experience” apenas, sem o adjetivo “emotional”, da mesma forma que “opit” se traduz por “experience”, sem qualquer nota explicativa ou aviso adicional. Um dos contextos para “perejivanie”, neste trabalho, é o da discussão sobre os sistemas cênicos que dão grande importância às características específicas, únicas, da “perejivanie” do ator, “esquecendo que estas características devem ser compreendidas contra um pano de fundo de padrões psicológicos gerais, que a psicologia do ator é apenas uma parte da psicologia total [como um todo]” (VIGOTSKI, 1932/1999, p. 238). Por outro lado, Vigotski também questiona as investigações que desconsideram a singularidade do trabalho do ator. Mais adiante, no texto, a questão que estará em foco será justamente a de se o ator deve ou não “experenciar”/“vivenciar” (perejivat’) o seu próprio papel. Entende-se, por isto, o ato de sentir ou não a própria emoção que o personagem deve manifestar ao público e/ou provocar-lhe. A formulação clássica desse problema foi feita por Diderot que contrastara os trabalhos das atrizes Clairon (que ele acreditava não se identificar com as personagens que retratava) e Dumesnil (que, segundo ele, o fazia). Toda a discussão então irá girar em torno do contraste entre o “Paradoxo do ator” de Diderot – sua capacidade de provocar emoções no público sem senti-las ele próprio – e o sistema de Stanislavski, no qual a prática cênica é distinta, constituindo “outro sistema de performance e outra natureza de “perejivaniia” artísticas do ator em cena” (idem, p. 240). O “fundamento posto no sistema de Stanislavski” estava em que ele “ensinava que encontrar a verdade dos sentimentos em cena é uma justificativa interna de cada forma cênica de comportamento” (idem, p. 242). Ainda que compreender o todo do sistema em questão exija estudos à parte, insinua-se que uma tal “verdade de sentimentos” também pode trazer implícita a busca de “sentimentos de verdade” no palco, muito embora os modos pelos quais esse dramaturgo desenvolveu seus métodos também estiveram sujeitos a transformações ao longo de sua carreira e em função dos diferentes contextos históricos nos quais se situou.

De qualquer modo, ao menos para fins de organização do nosso pensamento, pode-se dizer que Vigotski buscava superação de uma falsa dicotomia entre “o ator não sentir qualquer emoção com seu papel” e “emocionar-se com ele tal como se fosse a verdade de sua própria existência como ser humano”. Tanto um extremo quanto o outro são artificialmente enunciados, e nenhum ator concreto poderia estar totalmente num pólo ou no outro. Em busca de sobrepujar este artificialismo, Vigotski põe em cena sua própria abordagem à questão, dizendo que “admitindo o caráter histórico deste problema e ao mesmo tempo acercando-nos das “perejivaniia” do ator, nós começaremos a falar não tanto assim do contexto psicológico individual no qual elas estão incluídas. Na alegre expressão alemã, as “perejivaniia” do ator são não tanto um sentimento de “eu” quanto um sentimento de “nós”. O ator cria no palco infinitas sensações, sentimentos e emoções que se tornam a emoção de toda a audiência

teatral. Antes que eles se tornassem objeto de incorporação<sup>49</sup> do ator, eles não estavam dados em uma formulação literária, eles nasceram no ar, na consciência social” (VIGOTSKI, 1932/1999, p. 241). E ainda alega que nós só poderemos “compreender a psicologia de um ator ou de outro em todas as suas circunstâncias concretas históricas e sociais; então a conexão normal de cada forma de “perejivanie” cênica com o conteúdo social que é projetado através desta “perejivanie” do ator à audiência se tornará clara para nós” (idem, idem). Dito desta maneira, as “perijivaniia” pela primeira vez estão em contato mais próximo e/ou explícito com o conteúdo social mais abrangente constitutivo deste processo subjetivo-objetivo: com o ar partilhado da consciência social e com o tema da ideologia, na acepção mais ampla do termo, como “visão de mundo”. Pois eis que “as “perejivaniia” do ator, suas emoções, aparecem não como funções de sua vida mental pessoal, mas como um fenômeno que tem uma significância e um sentido social objetivos, que servem como transição da psicologia à ideologia” (1932/1999, p. 244). Por fim, em meio a diversas passagens riquíssimas, poderíamos selecionar ainda outra, desta vez com implicações metodológicas dignas de nota não só para a “perejivanie” cênica e/ou do ator. Isto é, como implicações para os nossos caminhos de cognição para compreender tal processo e quiçá outras modalidades de seu acontecimento e atividade. Ocorre que, assim como nas declarações de cada um de nós sobre nossas próprias ações, pensamentos e emoções, há limitações nas declarações dos atores sobre sua própria representação, “especialmente declarações sumárias, (...) elas mesmas incapazes de explicar seu caráter e sua natureza; elas são constituídas de generalizações da “perejivanie” própria e mais variada do ator e não levam em conta todo o conteúdo incorporado<sup>50</sup> na emoção do ator. É necessário ir além dos limites da “perejivanie” direta do ator para explicá-la. Desafortunadamente, este real e notável paradoxo de toda a psicologia não tem, até o momento, sido suficientemente assimilado por um grande número de tendências. No intuito de explicar e compreender a “perejivanie”, é preciso ir além dos seus limites, é necessário esquecê-la por um minuto e mover-se para longe dela” (idem, p. 242-243). Aqui o significado de “generalização” não parece ser exatamente o mesmo utilizado para dizer que o conceito de “formação afetiva” é uma “generalização de perejivaniia” (ver VIGOTSKI, 1933-34/2006), mas tende a sugerir antes determinada forma de generalização que abstrai demasiado a complexidade da vivência/experiência real de palco para dar dela relatos mais simplificados e/ou idiossincráticos, “descrições sumárias”, que não permitem apresentar a complexidade e inter-determinação do processo vivo. Algo que poderia sugerir sua totalidade como ainda da ordem do “insondável”, apresentando-o apenas talvez não mais do que como “sombra”,

<sup>49</sup> “Incorporação” aqui está por “воплощения” (voploshtcheniia) – uma declinação de “воплощение” (voploshtchenie), substantivo neutro que também pode ser traduzido por “encarnação” ou ainda “personificação”. Por exemplo: “она воплощение здоровья” – “ela vende saúde”, ou mais literalmente “ela é a encarnação da saúde”, “ela é a personificação da saúde”, “é a saúde em pessoa”. Damos destaque a essa palavra, pois, no sistema de Stanislavski, ela corresponderá a um conceito chave que faz par com “perejivanie”. É de 1938 uma “trilogia” deste autor, na qual temos duas partes da obra “Rabota aktiora nad soboi” (O trabalho do ator sobre si), que seriam: parte 1: O trabalho sobre si no processo da “perejivanie”; e parte 2: O trabalho sobre si no processo de “voploshtchenie”. O terceiro trabalho (ou parte) é “Rabota aktiora nad rol’iu” (O trabalho do ator sobre o papel) – o conteúdo completo dessas obras, com vários anexos, não sempre encontrados nas traduções mais comuns, está disponível em: [http://az.lib.ru/s/stanislavskij\\_k\\_s/](http://az.lib.ru/s/stanislavskij_k_s/) Em português, temos traduções a partir do inglês que vêm sendo questionadas por pesquisadores da área, que preferem o espanhol. E, em inglês, temos uma tradução mais recente com as duas partes de “Rabota aktiora nada soboi” cujo título ficou como “An actor’s work” (STANISLAVSKI, 1938/2008). Só nos alongamos aqui, quanto a estas referências, por dois motivos: (a) em 1938 Stanislavski teria possibilidade de já ter tomado conhecimento das críticas de Vigotski feitas em 1932; e (b) a noção de uma integração dialética entre a “vivência/experiência” com a “corporificação/personificação”, pela mediação da atuação do papel, parece-nos produtiva para estudos posteriores em “psicologia concreta” ou “psicologia dos papéis sociais”.

<sup>50</sup> No russo, o que “não é levado em conta” é a “формой воплощения которого является актерская эмоция” (formoi voploshtcheniia kotorogo iavliaetsia aktiorskaia emotsiia) ou, literalmente: a “forma de “voploshtchenie” que se apresenta na emoção do ator”. Ver nota “49”.

como indício de uma inefabilidade intransponível própria da relação do ser humano com a arte – talvez da mesma maneira como se desse na própria “perejivanie” mística. Mas, nesse momento, em contraste com a resignada atitude de contemplação frente ao inefável, soamos como algo realmente salutar e desafiante em termos metodológicos, a sugestão de um movimento de “distanciar-se”, “mover-se para longe dela”, até para poder ver melhor e, noutro plano, estar mais perto. Sugestão apresentada talvez como opção possível por uma tomada de atitude mais ativa tanto por parte do pesquisador em psicologia quanto por seu principal interlocutor, o próprio *ator* - palavra rica em sentidos, que a nós poderia hoje soar não só em sua acepção de “profissional das artes cênicas”, como também, quem sabe, na de “sujeito de um drama de relações sociais”<sup>51</sup>. O que, extrapolando os limites da nossa discussão aqui sobre a polissemia de “perejivanie” em obras de Vigotski, poderíamos associar com um vislumbre de retomada do desafio de Georges Politzer quando disse: “A arte deve imitar a vida? A psicologia para fugir a uma tradição milenar, e retornar à vida, deveria imitar o teatro” (apud GABBI JR., 1998, p. XII)<sup>52</sup>.

### *Teoria das emoções (1931-33) – pendente*

Podemos agora dizer apenas ser interessante que este livro seja aquele que quantitativamente mais registre ocorrências da palavra “perejivanie” entre todos os consultados – 92 vezes como substantivo, além de 26 vezes para o verbo *perejivat’* e 11 para o reflexivo “*pe-rejivatsiia*”. É evidente que essas contas não indicam necessariamente riqueza de conteúdos. Mas justo pelo volume grande e também pelo fato de não termos como cotejar com o português, por não haver, que saibamos, uma edição desta obra nesta língua, a operacionalização do trabalho para o “rastreamento” ficou além do exequível para concluirmos a tempo para as finalidades deste texto. De todo modo, nossa hipótese é a de que “perejivanie”, nesta obra, não será apenas um sinônimo indiferente para “emoção”, “sentimento” ou “afeto”, três termos, por sua vez, já não necessariamente, coincidentes, ainda que com campos semânticos próximos.

### *Pensamento e Linguagem (1934)*

Esta obra fundamental e monumental de Vigotski não é decididamente uma das que mais dê atenção ao termo “perejivanie”, além de ele aparecer relativamente poucas vezes pelo volume do livro, também o faz geralmente de modo co-lateral ou periférico, tanto quanto nele também acontece para o tema das emoções, em geral. Exceto, talvez, pela clássica ênfase programática final na necessidade de recorrermos à quase enigmática dimensão “afetivo-volitiva” para bem compreendermos o enunciado de outrem. Investigar por que isso histori-

<sup>51</sup> Um autor russo que escreveu sobre o conceito de “perejivanie” em Vigotski em relação ao que chamou de drama do desenvolvimento da personalidade, foi Iaroshevski (1993), no texto “Perejivanie e drama do desenvolvimento da personalidade (últimas palavras de L. S. Vigotski)” publicado na “Voprosi Filosofii”. Mas só obtivemos cópia do artigo muito recentemente e não tivemos oportunidade de ler e/ou traduzir com a devida atenção, de modo a poder avaliar em que vias se poderia tecer articulações teóricas mais desdobradas entre os conceitos de “perejivanie” e “drama” a partir de Vigotski e/ou de outras referências. A relação de diálogo/confronto com o teatro de Stanislavski é apenas a mais óbvia.

<sup>52</sup> Na versão mais estendida que temos do fragmento está assim: “Tomamos o termo ‘drama’ na sua acepção mais inexpressiva, descolorida ao máximo de todo o sentimento e todo o sentimentalismo; na acepção que ele deve ter para um encenador; em resumo, na sua acepção cênica. O teatro deve imitar a vida? A psicologia, para escapar de uma tradição milenar e para retornar à vida, talvez deva imitar o teatro” (POLITZER apud GABBI JR., 1998, p. XII)

camente aconteceu seria algo por se propor a quem esteja disposto, já que nos textos pedológicos do final de sua vida “perejivanie” emerge de modo tão importante como “unidade da consciência” e por ser “Pensamento e linguagem” também uma espécie de testamento teórico do autor. Por ora, ficamos apenas na inquietação quanto a esse problema – quais as relações teóricas e ontológicas mais profundas entre a “perejivanie” (experiência/vivência) e “slovo” (palavra/discurso)? Na tradução brasileira intitulada “A construção do pensamento e da linguagem”, o termo figura como “vivência” ou “vivenciamento”. Um destaque especial deve ser dado às menções no capítulo 1, escrito em 1934<sup>53</sup>, em função de “perejivanie” ali aparecer num contexto de definições metodológicas. Sobretudo, está posto de modo bastante enfático que não há como termos acesso ou podermos transmitir “perejivaniia” senão mediante a linguagem, o que consideramos colocar certas diretrizes para o estudo das mesmas: “A comunicação, estabelecida com base em compreensão racional e na intenção de transmitir idéias e “perejivaniia”, exige necessariamente um sistema de meios cujo protótipo foi, é e continuará sendo a linguagem humana, que surgiu da necessidade de comunicação no processo de trabalho” (VIGOTSKI, 1934/2001, p. 11). Logo em seguida, reitera essa concepção, mas pela via da negação ao pouco valor que se dava à palavra (slovo) nas concepções até então dominantes em psicologia: “A palavra na comunicação é [para aquelas concepções], principalmente, apenas o aspecto externo da linguagem, e supunha-se que o som pudesse associar-se por si só a qualquer “perejivanie”, a qualquer conteúdo da vida psíquica e, em função disto, transmitir ou comunicar essa “perejivanie ou este conteúdo a outra pessoa” (idem, p. 12). Ficando aí uma dúvida nossa quanto ao significado desse “ou”, se está como relação de sinonímia ou de alternância. “Perejivaniia” ou “conteúdo da vida psíquica”, e também “perejivaniia” ou “algum conteúdo da consciência”, noutra parte (idem, p. 12). Quando o autor exemplifica alguma situação de “perejivat” para fortalecer a noção da necessidade de linguagem para comunicar uma “perejivanie”, a aura do conceito se dissipa, por um momento, como por exemplo: alguém que precise dizer que está “perejivaemoe” (vivenciando) que “está com frio”, precisa situar isso em “determinada classe de estados conhecidos pelo (...) interlocutor” (idem, p. 13). Sim, “estar com frio” pode, em vários contextos, ser algo bem intenso ou mesmo muito sofrido, sobretudo num inverno rigorosíssimo como o russo, e dependendo das condições sócio-econômicas de quem o vive, mas ao mesmo tempo pode indicar que os exemplos poderiam ser também da ordem de situações não necessariamente tão decisivas ou transformadoras. No capítulo 2, o que trata da crítica da obra de Piaget, as “perejivaniia” são citadas no contexto da discussão sobre a “linguagem egocêntrica”. Vigotski diz que, para Piaget, essa modalidade de linguagem “não serve para fins de comunicação, não cumpre funções comunicativas, apenas copia, imprime ritmo, acompanha a atividade e as “perejivaniia” da criança como um acompanhamento, segue a melodia central. Neste caso ela não modifica essencialmente nada nem na atividade da criança, nem nas suas “perejivaniia”, como um acompanhamento que, na essência, não interfere no desenrolar nem no sistema da melodia central que ele segue” (VIGOTSKI, 1934/2001, p. 50). Por antítese, deduz-se que para Vigotski sim, a fala egocêntrica tem a potência de modificar, senão mesmo de produzir, “perejivaniia”.

No capítulo cinco, há um longo período do texto em russo que não aparece na tradução de Paulo Bezerra, no qual é mencionado justamente o construto, já comentado anteriormente,

<sup>53</sup> Constam que só os capítulos 1 e 7 foram escritos apenas em/durante 1934, os outros seriam versões de textos/trabalhos concluídos ou em produção desde anos anteriores, publicados ou não. Nos seguintes anos: cap. 1 – 1934; cap. 2 – 1932; cap. 3 – 1929; cap. 4 – 1929; cap. 5 – 1931; cap. 6 – 1933-34 ; cap. 7 – 1934 (ver MINICK, 1987; e LIFANOVA, 1996).

da “aga-perejivanie”. Menção esta situada no contexto da discussão sobre a investigação de processos de ensino e aprendizagem de conteúdos sistemáticos. Como já comentamos, esse neologismo é de tom onomatopéico, “a perejivanie do a-ha!”<sup>54</sup> (estaria na página 323, mas é ali que não está). Mais relevante que tal curiosidade talvez seja, ainda no mesmo capítulo, a expressão “perejivanie do conceito”. “Como mostra a investigação, a medida de generalidade é o momento primeiro e fundamental em qualquer funcionamento de qualquer conceito, assim como na “perejivanie” do conceito, como se pode ver pela análise fenomenológica. Quando nos mencionam algum conceito, por exemplo, “mamífero”, nós o “perejivamos” da seguinte maneira: fomos colocados em um determinado ponto da rede de linhas de latitude e longitude, ocupamos uma posição para o nosso pensamento, recebemos o ponto inicial de orientação, experimentamos [ispitivamos<sup>55</sup>] a disposição de nos movimentarmos em qualquer direção a partir desse ponto” (VIGOTSKI, 1934/2001, p. 367). Estas linhas de latitude e longitude correspondem à metáfora tópica de Vigotski para o sistema de coordenadas dos conceitos, na coordenada horizontal ele posiciona o “conteúdo concreto” do conceito (os referentes que ele pode cobrir), e na coordenada vertical se posiciona o chamado “grau de generalidade” (o quão geral um conceito pode ser). Em dado momento do desenvolvimento o conceito de “flor”, por exemplo, pode estar em grau de generalidade igual ao de “margarida” ou “rosa” (conteúdos concretos distintos, entre as duas, mas comuns em parte com “flor”). Daí as respostas de crianças às perguntas de Piaget, sobre a noção de quantidade. Digamos “entre oito margaridas e quatro rosas”, a criança diz (é convidada a dizer) que há “mais margaridas que flores”, etc. O interessante é pensar um ato de ter uma “perejivanie” disso, “perejivat” não só emoções, mas também o que mais correntemente se chamaria de “processos cognitivos” – “perejivaniia” não só da descoberta como “insight”, mas também de todo o processo de conhecer. Se pensarmos a “perejivanie” como unidade da consciência, e entendendo que à consciência também cabe a função vital de conhecer, ou mesmo que ela já se define na raiz como “co-conhecimento”, seria mesmo de esperar que a unidade também fosse relativa ao ato de conhecer – ou que este também devesse se dar mediante processos próprios à ela.

O capítulo 7 também trás discussões, no nosso ponto de vista, relevantes. Primeiro por conta da já vista oposição de Vigotski às concepções da psicologia clássica sobre “perejivanie”, mas nesse momento, de modo especial, em articulação com o tema da “linguagem interior” – ou “endofasia”, etc. Vigotski se opõe à concepção de Goldstein, que veria a linguagem interior como um processo demasiado geral, inespecífico. Para este autor ela corresponde a “tudo que precede ao ato motor de falar, a todo o aspecto interior da linguagem em que ele distingue dois momentos: primeiro, a forma interior de discurso do lingüista ou os motivos do discurso de Wundt; segundo a presença de uma “perejivanie” extremamente indefinida, não sensorial ou motora, mas especificamente discursiva<sup>56</sup>, que é tão [bem] conhecida quan-

<sup>54</sup> Na página 378, o termo se repete e é traduzido como “A-vivenciamento”, o que pode dar uma impressão errônea de “negação” da perejivanie – nesse caso, a tradução não se atém à terminologia específica do campo da psicologia e tenta criar uma tradução parte por parte do termo, sem preocupar-se com o que isso viria a significar.

<sup>55</sup> Do verbo “ispitivat” (испытывать) sentir, experimentar, passar por – no campo de “opit”. Não é “perejivat”.

<sup>56</sup> É importante notar que aqui o substantivo “perejivanie” está separado do adjetivo “discursiva” por opção do tradutor. Contudo no russo está: “(...) во-вторых, наличие того ближайшим образом неопределимого, не сенсорного или моторного, но специфически речевого переживания, которое так же хорошо известно всякомкак и не поддается точной характеристике” (vo-vtorikh, nalitche togo blijaishim obrazom neopredelimogo, ne sensorного ili motornogo, no spetsialitcheski retchego perejivaniia, kotoroe tak jê khorosho izvestno vsiakomkak i ne poddaetsia totchnoi kharakteristike) (VIGOTSKI, 1934/2009, p. 972-973, itálico nosso). O que, portanto, também pode ser traduzido, mais literalmente por: “em

to impossível de ser caracterizada com precisão” (VIGOTSKI, 1934/2001, p. 423-424). Destaquemos apenas os adjetivos e as ligações que eles possibilitam: “indefinida”, há então “definidas”? “sensorial”, “motora”, “discursiva”, seriam estas já algumas formas de definir? Mas prossigamos com a fala de Vigotski, pois a questão é já a de não tratar a linguagem interior apenas sob o signo de uma indefinição de tal ordem que nos poderia fazer recobrar o problema da inefabilidade da “perejivanie” mística. Senão vejamos: “É impossível não contestar a identificação do ponto central de toda a linguagem como uma “perejivanie” que se apreende por via intuitiva, não se presta a nenhuma análise funcional, estrutural ou nenhuma análise objetiva, assim como é impossível não contestar a identificação dessa “perejivanie” com a linguagem interior, na qual planos estruturais particulares, que podem ser bem distinguidos através da análise psicológica, se diluem sem deixar vestígio. Esta “perejivanie” central do discurso<sup>57</sup> é comum a qualquer modalidade de linguagem e, por esta simples razão, já não se presta, de maneira alguma, à discriminação daquela função discursiva específica e original, que é a única a merecer o nome de linguagem interior” (idem, p. 424). Insinua-se que um perder-se numa subjetividade vaga, indefinível, por fim incomunicável, não contribui para a compreensão da linguagem interior em suas atribuições sociais/pessoais mais potentes. Por fim, e não menos importante, no contexto de sua peculiar diferenciação entre “diálogo” e “monólogo” (já social por definição), Vigotski vai dizer o que em português está traduzido<sup>58</sup> por: “Em oposição à simplicidade composicional do diálogo, o monólogo é uma complexidade composicional, que introduz os fatos verbais no campo iluminado da consciência, e a atenção se concentra bem mais facilmente. “Aqui as relações discursivas se tornam determinantes e fontes de “perejivaniia” que se manifestam na consciência por motivo dessas mesmas relações discursivas” (1934/2001, p. 456-457). Sobretudo, cabe dar especial destaque à noção de que “relações discursivas” podem ser fontes de “perejivaniia”. Isso, por si, já nos dá assunto para um capítulo à parte – “perejivanie” discursiva e/ou de discursos.

### 3.2 Questões sobre a “perejivanie” como “unidade da consciência”

Podemos afirmar que a consciência, “sempre o principal objeto de estudo na pesquisa de Vigotski” (ZINTCHENKO, 1985, p. 95), não só foi tomada por tal autor como “udvoennii opit” (VIGOTSKI, 1926/2004) – “experiência duplicada” (1926/2003, p. 63) de modo geral; mas antes também já fora definida especificamente como “perejivanie perejivaniia” (VIGOTSKI, 1925/2009b, p. 30) – “a vivência das vivências” (VIGOTSKI, 1925/1991, p. 50), ou simplesmente “vivência de vivências”/“experiência de experiências”<sup>59</sup>. É como se o fluxo da consci-

---

segundo lugar: a existência do que está mais próximo de uma imagem indefinível, não sensorial ou motora, mas de uma *vivência discursiva* específica, que é tão bem conhecida, e não passível de caracterização precisa”.

<sup>57</sup> Repete-se aqui a omissão ao termo “perejivanie discursiva”, na tradução de Paulo Bezerra. Onde o tradutor optou por “vivenciamento central do discurso” – colocando “discurso” como substantivo, no russo ele adjetivava “perejivanie” – “*центральное речевое переживание*” (tsentral’noe retchevoe perejivanie) (VIGOTSKI, 1934/2009, p. 973, itálico nosso). O que, portanto, poderia ser também “*perejivanie discursiva central*”, numa tradução literal.

<sup>58</sup> Aqui, particularmente, chamamos atenção para o “está traduzido por”, por ser uma passagem importante e um tanto hermética em português. Por outro lado, não tivemos condições de corrigir toda a tradução de Bezerra, nem temos essa pretensão. De todo modo ficou claro, só pelo simples cotejo, que há vários problemas na tradução que podem afetar o trabalho com os conceitos do autor, não consistindo apenas de problemas de estilo, embora também se os encontre: ora mais coloquial quando o original é mais formal, ora mais rebuscado, quando o original é mais direto. Basicamente, nota-se que tal tradução foi um trabalho apressado, se considerarmos a envergadura de um empreendimento editorial como este, a importância desse livro na atividade científica do autor. Em versões posteriores do presente trabalho, alguns desses problemas poderão ser explicitados e alternativas sugeridas, se for do interesse do leitor.

<sup>59</sup> A língua russa possui a peculiaridade de não possuir a classe gramatical “artigo”, como há no português, espanhol ou

ência fosse então literalmente uma modalidade específica de “perejivanie”. Não uma qualquer, mas uma de segunda ordem – na nossa metáfora da “potenciação”, uma perejivanie elevada à segunda potência. Mas se torna um tanto curioso e nos solicita perlaboração, que sendo antes a própria consciência uma modalidade especial de “perejivanie”, venha depois a ter na “perejivanie” sua “verdadeira unidade dinâmica”. Ora, se a unidade, grosso modo, é uma parte que contém as (principais) contradições do todo, mas não é o próprio todo, arriscaríamos perguntar se então é a “perejivanie” que se torna uma modalidade (especialíssima) de processo consciente. Além de ficar nesta região instigante, ou justo por isso, o problema de ser a “perejivanie” um modo de consciência, ou a consciência um modo de “perejivanie”, pode conectar-se a outro: o de como tal unidade efetiva mesmo todas as principais contradições da totalidade à qual pertence. Não há tempo ou mesmo acúmulo de investigação aqui para mais do que lembrar estes poucos fragmentos, mesmo que emblemáticos e com valor heurístico próprio às elaborações de Vigotski, mas uma das vias insinuadas para pensarmos em que a dita unidade reflete (e refrata) o seu todo se põe no conceito de “relação com o meio”, tanto mais quando se entende que o próprio ser humano é componente de seu meio social e este não lhe é externo. Tanto a consciência quanto a “perejivanie” têm sua própria definição referida ao meio, social por excelência. Se há poucas linhas talvez notássemos algum risco de tautologia, dependendo de como nos puséssemos a definir ora “perejivanie” em relação à consciência, ora consciência em relação à “perejivanie”, agora devemos lembrar que a própria consciência também poderá ser entendida como “relação da criança [do ser humano] com o meio” (VIGOTSKI, 1933-34/2006, p. 386) – acepção bastante ampla, diga-se de passagem. Ao que se soma que uma “unidade indecomponível entre as peculiaridades da personalidade e as peculiaridades da situação, apresenta-se na ‘perejivanie’” (1933-34/1966, p. 76-77). Pesem-se os tempos diferentes de produção dos enunciados citados, insinua-se ao leitor o convite a relacionar algo e formular ainda perguntas sobre o tema. Nesse sentido, caso possamos continuar desenvolvendo o trabalho aqui esboçado, algumas metas poderiam ser amadurecidas com a mediação da réplica do leitor para mais adiante, por exemplo: (a) explorar as noções de “perejivanie” como “unidade” nos textos de Vigotski em que isso está explícito (como “The problem of the environment”; “A crise dos sete anos”; e/ou “Lektsii po pedologii”<sup>60</sup>); (b) discutir as relações possíveis entre os conceitos de “unidade dinâmica” e “unidade de análise” (este presente na obra “Pensamento e linguagem”, e discutido em detalhes por Zintchenko<sup>61</sup>); (c) levantar algumas possibilidades sobre a compreensão das “vivências” (perejivaniia) em suas transformações na ontogênese<sup>62</sup>; não necessariamente nessa ordem. São novamente problemas correlatos. Talvez “a” e

---

inglês. Desse modo as opções pelo artigo definido ou indefinido nas traduções é sempre um trabalho delicado “La vivencia de las vivencias” no espanhol poderia sugerir algo como “a mais importante vivência entre as vivências”, mas no contexto nota-se que se trata do aspecto reflexivo da consciência como um movimento no qual se vivencia outras vivências. Talvez “de vivências” fosse melhor nesse sentido, “de outras”, não “de todas as outras”.

<sup>60</sup> Essas “Conferências de pedagogia” têm uma edição de 2001 também, cuja versão digital nós obtivemos há pouco. O texto “O problema do meio em pedagogia” faz parte delas. Outros textos como “A crise dos três anos” e “A crise dos sete anos” também. Contudo, numa comparação ainda panorâmica com os conteúdos do tomo IV em geral, parece haver mais conteúdo nas “Conferências”. Não descartada a hipótese de o Tomo IV ter editado os textos originais, omitindo algumas passagens para evitar problemas com os fantasmas do decreto contra pedagogia sob cujas determinações as próprias obras de Vigotski foram proibidas de 1936 a 1956. Portanto, no fim das contas, talvez não tenhamos exatamente três “obras”. Mesmo o texto inglês do “Problema do ambiente”, em comparação com o russo, faz opções de estilo que amenizam um pouco a terminologia pedológica.

<sup>61</sup> Zintchenko (1985), já citado aqui, escreve um capítulo inteiro sobre “unidades de análise” e não se refere ao termo “perejivanie” uma vez sequer.

<sup>62</sup> Por exemplo, Vigotski (1933-34/2006) diz que a criança pequena tem “vivências”, mas não tem consciência delas. Com a crise dos sete anos surge uma nova “formação afetiva” que generaliza vivências. Então podemos perguntar como se organizam as vivências depois, etc., considerando outros pontos críticos na ontogênese. O que coloca o problema da particulari-

“b” sejam o mesmo problema, pois ao falar da “unidade dinâmica”, Vigotski traz elementos do conceito de “unidade de análise”. Mas entendemos que haja distinção, pelo motivo de que se o desenvolvimento do significado permite o estudo da gênese social consciência, poder-se-ia questionar se, do mesmo modo, a “perejivanie” pode permiti-lo. A consciência de outrem não se pode conhecer senão mediante a linguagem. Em 1934, como vimos, Vigotski dirá o mesmo quanto à “perejivanie”, mas como saber sobre as “perejivaniia” de alguém? O tema da unidade traz, portanto, o problema da gênese, pois uma das características fundamentais do estudo da consciência mediante a unidade de análise que é o significado, ou palavra significativa, refere-se à constatação, para Vigotski até então inédita, de que o “significado das palavras se desenvolve”. Desse modo, após apresentar o material aqui para o discutirmos *em aberto*, com o leitor, podemos dizer que se Vigotski segue a orientação de Marx e aconselha começar pelo fim, nós terminamos pelo começo.

\* \* \*

***Agradecemos*** às professoras Luci Banks-Leite e Ana Luiza Bustamante Smolka, pelo generoso convite a apresentarmos este trabalho no III Seminário do GPPL. Também a Ana Luiza, pela sugestão do tema e incentivo durante a produção deste material, como um enunciado para diálogo com o Grupo. De antemão, agradecemos ainda aos professores Carolina Bovério e Alexandre Filordi de Carvalho, pela paciência em nos ler e pelas críticas e sugestões que com sua leitura nos trouxeram.

---

dade das “perejivaniia” singulares em sua dialética com a gênese, dinâmica e estrutura geral da personalidade na qual tais “perejivaniia” se articulam, contrapõem-se, enfim, são “vivas”.

#### 4 REFERÊNCIAS

ALPHALEX (2005) **Portuguese-Russian and Russian-Portuguese electronic dictionary**. Version 5.0 (off line). Moscow: Media Lingua Corporation.

BAKHTIN, M. M. (1929/1992) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec.

BOJOVITCH, L. I. (1968/2009a) **Problemi formirovaniia lichnosti: izbrannie psikhologuitcheskie trudi / Pod red. D. I. Fel'dshteina**. Moskva; Voronej: In-t praktitsheskoi psikhologii, 1995. Versão digital. Disponível em:

[http://www.koob.ru/books/common\\_psychology/problemi\\_formirovania\\_lichnosti.rar](http://www.koob.ru/books/common_psychology/problemi_formirovania_lichnosti.rar) Acesso em: 01 maio 2009.

BOJOVITCH, L. I. (1968/2009b) The social situation of child development. In: **Journal of Russian and East European Psychology**, vol. 47, no. 4, July–August 2009, pp. 59–86.

DAVIDOV, V. V. e RADZIKHOVSKII, L. A. (1985) Vygotsky's theory and the activity-oriented approach in psychology. In: WERTSCH, J. V. (Ed.) **Culture, Communication and Cognition: Vygotskian Perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press.

DOSTOIEVSKI, F. (1866/2009) **Prestuplenie i nakazanie**. Roman v shesti tchastiakh s epilogom. Disponível em: <http://ilibrary.ru/text/69/index.html> Acesso em: 01 maio 2009.

EL'KONIN, D. B. (1978/1980) **Psicología del juego**. Madrid: Visor.

EL'KONIN, D. B. (1978/2009) **Psikhologuiia igri**. Moskva: Vlado, 1999 (Seriiia "Sam sebe psikholog"). Versão on-line. Disponível em: <http://pedlib.ru/Books/3/0018/index.shtml> Acesso em: 01 maio 2009.

GABBI JR., O. F. (1998) Considerações sobre a eterna juventude da psicologia: o caso da psicanálise. Prefácio a Politzer, G. **Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise**. Piracicaba: Editora Unimep.

HOUAISS, A. (2009) **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão on-line. Disponível para assinantes em: <http://www.uol.com.br/houaiss> Acesso em: 01 maio 2009.

IAROSHEVSKI, M. G. (1993) Perejivanie I drama razvitiia lichnosti (poslednee slovo L. S. Vigotskogo). In: **Voprosi Filosofii**. N. 3. Moskva: Nauka. 1993. s. 82-91.

KELLOG, D. (2009) 'Classic Book' Review: V.N. Volosinov, 1929/1973, Marxism and the Philosophy of Language; L.S. Vygotsky, 1934/1987, Thinking and Speech. In: **International Journal of Applied Linguistics** Vol. 19. No. 1, 2009.

KONTOPODIS, (2008) Post to [xmca] Vygotsky and Trotsky (question). In: **XMCA - eXtended Mind, Culture, Activity**. LCHC. Nov. 12, 2008. Disponível em: [http://lchc.ucsd.edu/MCA/Mail/xmcamail.2008\\_11.dir/0067.html](http://lchc.ucsd.edu/MCA/Mail/xmcamail.2008_11.dir/0067.html) Acesso em: 12 nov. 2008.

- KOTIK-FRIEGUT, B. (2007). Post to [xmca] L. I. Bozhovich and perezhivanie. In: **XMCA - eXtended Mind, Culture, Activity**. LCHC. Dec. 02, 2007. Disponível em: [http://lchc.ucsd.edu/mca/Mail/xmcamail.2007\\_12.dir/0013.html](http://lchc.ucsd.edu/mca/Mail/xmcamail.2007_12.dir/0013.html) Acesso em: 02 dez. 2007.
- KOTIK-FRIEGUT, B. (2009). Post to [xmca] "Perezhivanie" and "Opyt". In: **XMCA - eXtended Mind, Culture, Activity**. LCHC. Feb. 12, 2009. Disponível em: [http://lchc.ucsd.edu/MCA/Mail/xmcamail.2009\\_02.dir/0083.html](http://lchc.ucsd.edu/MCA/Mail/xmcamail.2009_02.dir/0083.html) Acesso em: 12 fev. 2009.
- LEONTIEV, A. N. (1965/2009) Vstipitel'naia stat'ia. In: VIGOTSKI, L. S. (1925/2009a) **Psikholo-guia iskusstva**. Izdanie tret'e. Moskva: Iskusstvo, 1986. Versão digital. Disponível em: [http://www.koob.ru/books/common\\_psychology/vigotskij\\_psihologia\\_iskusstva.rar](http://www.koob.ru/books/common_psychology/vigotskij_psihologia_iskusstva.rar) Acesso em: 01 maio 2009.
- LIFANOVA, T. M. (1996) Polnaia bibliografiia trudov L'va Semionovitcha Vigotskogo. In: **Vopr. psikhologuii**. N. 5. 1996. p. 137-157.
- LIMA, E. S. (2000) Vygotsky e Wallon e o futuro da psicologia. In: **Interações**, jan-jun, ano/vol. V número 009. 2000. p. 49-55.
- MARX, K. H. (1845/1978) Teses contra Feuerbach. In: \_\_\_\_\_. **Manuscritos econômi-co-filosóficos e outros textos escolhidos**. (Os pensadores) 2. ed. São Paulo: Abril Cultural.
- MINICK, N. (1987) In: VIGOTSKI, L. S. **The collected works of L. S. Vygotsky**. Vol. 1. Problems of General Psychology. New York: Plenum Press.
- OJEGOV, S. I. (1949/1990) **Slovar' russkogo iazika**. Moskva: Ruskii Iazik.
- PUZIREI, A. A. (1989) Notes to: VIGOTSKI, L.S. (1929/1989) Concrete Human Psychology. In: **Soviet Psychology**, v. 17, n. 2.
- PUZIREI A. A. (2007) Contemporary Psychology and Vygotsky's Cultural-Historical Theory [Preface to the collection Psychology, Psychotechnics, Psychagogy]. In: **Journal of Russian and East European Psychology**, vol. 45, no. 1, January–February 2007, pp. 8–93.
- RUBINSHTEIN, S. L. (1940/1967) **Principios de psicología general**. México: Grijalbo.
- RUBINSHTEIN, S. L. (1940/2009) **Osnovi obshtchei psikhologuii**. Sankt-Peterburg: Izdatel'stvo Piter, 2002. Versão digital. Disponível em: [http://yanko.lib.ru/books/psycho/rubinshteyn=osnovu\\_obzhey\\_psc.pdf](http://yanko.lib.ru/books/psycho/rubinshteyn=osnovu_obzhey_psc.pdf) Acesso em: 01 maio 2009.
- SMOLKA, A. L. B. (2006) Experiência e discurso como lugares de memória: a escola e a produção de lugares comuns. In: **Pro-Posições**, v. 17, n. 2 (50) – maio/ago. 2006. p. 99-118.
- STANISLAVSKI, K. (1938/2008) **An actor's work**: a student's diary. London and New York: Routledge.

VALSINER, J. e van der VEER, R. (1991) The Encoding of Distance the Concept of the "Zone of Proximal Development" and its Interpretations. In: COCKING, R. R. and K. RENNINGER, A. (eds.) **The development and meaning of psychological distance**. Hillsdale, N. J.: Erlbaum.

VALSINER, J. e van der VEER, R. (1991/1996) Vygotsky: uma síntese. São Paulo: Loyola: Unimarco.

VASILIU, F. E. (1984/1992) **The psychology of experiencing**: the resolution of life's critical situations. New York: New York University Press.

VASILIU, F. E. (1984/2009) **Psikhologuia perejivaniia**: analiz preodoleniia kriticheskikh situatsii. Moskva: Izdatel'stvo Moskovskogo Universiteta, 1984. Versão digital. Disponível em: [http://www.koob.ru/vasiluk\\_f\\_e/psihologiya\\_perejivaniya](http://www.koob.ru/vasiluk_f_e/psihologiya_perejivaniya) Acesso em: 01 maio 2009.

VASILIU, F. E. (1992/2009) Ot psikhologuitcheskoi praktiki k psikhotekhnitcheskoi teorii. In: **Moskovskii psikhoterapevticheskii jurnal**, 1992, №1. s. 15-32. Versão digital. Disponível em: [http://psylib.org.ua/books/\\_vasif02.htm](http://psylib.org.ua/books/_vasif02.htm) Acesso em 01 maio 2009.

VASILIU, F. E. (1997/2009) Metodika psikhoterapevticheskogo oblegtcheniia boli. In: **Moskovskii psikhoterapevticheskii jurnal**, 1997, № 4 (18). s. 123-146. Versão digital. Disponível em: <http://hpsy.ru/public/x3125.htm> Acesso em 01 maio 2009.

VASILIU, F. E. (2003/2009) **Metodologuitcheskii analiz v psikhologii**. Moskva: MGPPU; Smisl, 2003. Versão digital. Disponível em: <http://hpsy.ru/script/golink.php?id=3891> Acesso em: 01 maio 2009.

VASILIU, F. E. (2005) **Perejivanie i molitva**: opit obshtchepsikhologuitcheskogo issledovaniia. Moskva: Smisl.

VASILIU, F. E. (2007) Ponimaiushtchaia psikhoterapiia: opit postroeniia psikhotekhnicheskoi sistemi. **Vestnik prakticheskoi psikhologii obrazovaniia**. 2007, № 3 (12), c. 27–41

VASILIU, F. E. (2008) Struktura i spetsifika teorii ponimaiushtchei psixoterapii. In: **Moskovskii psikhoterapevticheskii jurnal**, 2008, № 1. s. 5-35.

VIGOTSKI, L. S. (1917/1999) **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S. (1917/2009) Traguediia o Gamlete, printse Datskom U. Shekspira. In: \_\_\_\_\_. **Psikhologuia iskusstva**. Izdanie tret'e. Moskva: Iskusstvo, 1986. Versão digital. Disponível em: [http://www.koob.ru/books/common\\_psychology/vigotskij\\_psihologia\\_iskusstva.rar](http://www.koob.ru/books/common_psychology/vigotskij_psihologia_iskusstva.rar) Acesso em: 01 maio 2009.

VIGOTSKI, L. S. (1925/1991) La consciencia como problema de la psicología del comportamiento. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas** - Tomo I. Madrid: Visor y Ministerio de Educación y Ciencia.

VIGOTSKI, L. S. (1925/1996) A consciência como problema da psicologia do comportamento.

In: \_\_\_\_\_. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S. (1925/1999) **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S. (1925/2009a) **Psikhologuia iskusstva**. Izdanie tret'e. Moskva: Iskusstvo, 1986. Versão digital. Disponível em: [http://www.koob.ru/books/common\\_psychology/vigotskij\\_psihologia\\_iskusstva.rar](http://www.koob.ru/books/common_psychology/vigotskij_psihologia_iskusstva.rar) Acesso em: 01 maio 2009.

VIGOTSKI, L. S. (1925/2009b) Soznanie kak problema psikhologii. Iz knigui \_\_\_\_\_. **Psikhologuia razvitiia tcheloveka**. Moskva: Izdatel'stvo Smisl; Eksmo, 2005. Versão digital. Disponível em: [http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc\\_razv\\_chel-1-soznanie\\_kak\\_problema\\_psc\\_i\\_povedeniya.pdf](http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-1-soznanie_kak_problema_psc_i_povedeniya.pdf) Acesso em: 01 maio 2009.

VIGOTSKI, L. S. (1926/2003) **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed.

VIGOTSKI, L. S. (1926/2004) **Pedagoguitcheskaia psikhologuia**. Moskva: AST.

VIGOTSKI, L. S. (1926/2007) To A. R. Luria, Zakhar'ino Sanatorium, March 5, [19]26 [L.S. Vygotsky: Letters to Students and Colleagues]. In: **Journal of Russian and East European Psychology**, vol. 45, no. 2, March–April 2007, pp. 11–60.

VIGOTSKI, L. S. (1927/1991) El significado historico de la crisis de la psicología: una investigación metodológica. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas** - Tomo I. Madrid: Visor y Ministerio de Educación y Ciencia.

VIGOTSKI, L. S. (1927/2009) Istoricheski smisl psikhologuitcheskogo krizisa: metodologuitcheskoe issledovanie. Iz knigui \_\_\_\_\_. **Psikhologuia razvitiia tcheloveka**. Moskva: Izdatel'stvo Smisl; Eksmo, 2005. Versão digital. Disponível em: [http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc\\_razv\\_chel-2-istoricheskiy\\_smysl\\_psihologicheskogo\\_krizisa.pdf](http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-2-istoricheskiy_smysl_psihologicheskogo_krizisa.pdf) Acesso em 01 maio 2009.

VIGOTSKI, L. S. (1928/1997) Acerca de la dinámica del carácter infantil. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas**. Tomo V. Madrid: Visor.

VIGOTSKI, L. S. (1928/2009) K voprosu o dinamike detskogo kharaktera. In: \_\_\_\_\_. **Sobranii sotchnenii v 6 tom**. Tom 5. Moskva: Pedagoguika. Versão digital. Disponível em:

VIGOTSKI, L. S. (1929/1989) Concrete Human Psychology. In: **Soviet Psychology**, v. 17, n. 2.

VIGOTSKI, L. S. (1929/2000) Manuscrito de 1929 [Psicologia concreta do homem]. In: **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 71, Julho/00

VIGOTSKI, L. S. (1929/2009) Konkretnaia psikhologuia tcheloveka. Iz knigui \_\_\_\_\_. **Psikhologuia razvitiia tcheloveka**. Moskva: Izdatel'stvo Smisl; Eksmo, 2005. Versão digital. Disponível em: [http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc\\_razv\\_chel-8-konkretnaya\\_psihologiya\\_cheloveka.pdf](http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-8-konkretnaya_psihologiya_cheloveka.pdf) Acesso em: 01 maio 2009.

- VIGOTSKI, L. S. (1930/1987) **La imaginación y el arte en la Infancia**. Mexico: Ediciones y Distribuciones Hispánicas, S. A. de C. V.
- VIGOTSKI, L. S. (1930/1991) **Vooobrajenie i tvortchestvo v detskom vozraste**. 3e izd. Moskva: Prosvestchenie.
- VIGOTSKI, L. S. (1930/2004) Imagination and Creativity in Childhood. In: **Journal of Russian and East European Psychology**, vol. 42, no. 1, January–February 2004, pp. 7–97.
- VIGOTSKI, L. S. (1931/1983) **Sobranie sotchnenii v 6 tomakh**. Tom 3. Moskva: Pedagoguika.
- VIGOTSKI, L. S. (1931/1997) Diagnostico del desarrollo y clínica paidológica de la infancia difícil. In: \_\_\_\_\_. **Obras Escogidas**. Tomo 5 - fundamentos de defectología. Madrid: Visor y Ministério de Educación y Ciencia.
- VIGOTSKI, L. S. (1931/2000) Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas** - Tomo III. 2. ed. Madrid: Visor.
- VIGOTSKI, L. S. (1931/2009a) Diagnostika razvitiia i pedologiticheskaia klinika trudnogo detstva. In: \_\_\_\_\_. **Osnovi defektologii**. Versão digital. Disponível em: Acesso em: 01 maio 2009.
- VIGOTSKI, L. S. (1931/2009b) Historiia razvitiia visshikh psikhitcheskii funktsii. Iz knigui \_\_\_\_\_. **Psikhologuia razvitiia tcheloveka**. Moskva: Izdatel'stvo Smisl; Eksmo, 2005. Versão digital. Disponível em: [http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc\\_razv\\_chel-4-istoriya\\_razvitiya\\_vysshyh\\_psih\\_funkciy.pdf](http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-4-istoriya_razvitiya_vysshyh_psih_funkciy.pdf) Acesso em 01 maio 2009.
- VIGOTSKI, L. S. (1932/1998) **As emoções e seu desenvolvimento na infância**. In: \_\_\_\_\_. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes.
- VIGOTSKI, L. S. (1932/1999) On the problem of the psychology of the actor's creative work. In: \_\_\_\_\_. **The collected works of L. S. Vygotsky**. Vol. 6. Scientific legacy. New York, Boston, Dordrecht, London, Moscow: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 1999.
- VIGOTSKI, L. S. (1932/2009a) **K voprosu o psikhologii tvortchestva aktiora**. Versão digital. Disponível em: <http://www.culturedialogue.org/drupal/uk/node/704> Acesso em: 01 maio 2009.
- VIGOTSKI, L. S. (1932/2009b) Lektsiia tchetviortaia. Emotskii i ikh razvitie v detskom vozraste. (Lektsii po psikhologii). Iz knigui \_\_\_\_\_. **Psikhologuia razvitiia tcheloveka**. Moskva: Izdatel'stvo Smisl; Eksmo, 2005. Versão digital. Disponível em: [http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc\\_razv\\_chel-6-lekcii\\_po\\_psihologii.pdf](http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-6-lekcii_po_psihologii.pdf) Acesso em: 01 maio 2009.
- VIGOTSKI, L. S. (1931-33/1999) The teaching about emotions: historical-psychological studies. In: \_\_\_\_\_ (1999) **The collected works of L. S. Vygotsky**. Vol. 6. Scientific legacy. New York, Boston, Dordrecht, London, Moscow: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

VIGOTSKI, L. S. (1931-33/2004) **Teoría de las emociones**: studio histórico-psicológico. Madrid: Akal Universitaria.

VIGOTSKI, L. S. (1931-33/2009) **Utchenie ob emotsiakh**: istoriko-psikhologuitcheskoe issledovanie. Versão digital. Disponível em: [http://www.koob.ru/books/common\\_psychology/vigotskij\\_uchenie\\_ob\\_emocijah.rar](http://www.koob.ru/books/common_psychology/vigotskij_uchenie_ob_emocijah.rar) Acesso em: 01 maio 2009.

VIGOTSKI, L. S. (1933-34/1966) **Lektsii po pedologii**. Ijevsk.: UdGU (Udmurtskii Gosudarstvennii Fakultet).

VIGOTSKI, L. S. (1933-34/2001) **Lektsii po pedologii**. Ijevsk.: UdGU (Udmurtskii Gosudarstvennii Fakultet).

VIGOTSKI, L. S. (1933-34/2006) La crisis de los siete años. **Obras escogidas**. 2. ed. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros.

VIGOTSKI, L. S. (1933-34/2009) **Krizis semi let**. Versão digital. Disponível em: <http://www.psychology-online.net/articles/doc-709.html> Acesso em 01 maio 2009.

VIGOTSKI, L. S. (1934/1987) Thinking and Speech. In: \_\_\_\_\_. **The Collected Works**. Problems of General Psychology. Vol. I; New York: Plenum Press.

VIGOTSKI, L. S. (1934/2001) **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S. (1934/2009a) Mishlenie i retch'. Iz knigui \_\_\_\_\_. **Psikhologuia razvitiia tcheloveka**. Moskva: Izdatel'stvo Smisl; Eksmo, 2005. Versão digital. Disponível em: [http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc\\_razv\\_chel-7-myshlenie\\_i\\_rech.pdf](http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-7-myshlenie_i_rech.pdf) Acesso em: 01 maio 2009.

VIGOTSKI, L. S. (1934/2009b) Problema razvitiia i raspada vishikh psikhitcheskikh funktsii. Iz knigui \_\_\_\_\_. **Psikhologuia razvitiia tcheloveka**. Moskva: Izdatel'stvo Smisl; Eksmo, 2005. Versão digital. Disponível em: [http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc\\_razv\\_chel-5-problema\\_razvitiya\\_i\\_raspada\\_vyssih\\_psih\\_funkciy.pdf](http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-5-problema_razvitiya_i_raspada_vyssih_psih_funkciy.pdf) Acesso em: 01 maio 2009.

VIGOTSKI, L. S. (1935/1994) The problem of the environment. In: \_\_\_\_\_. **The Vygotsky reader**. Edited by Rene van der Veer and Jaan Valsiner. Oxford; Cambridge: Blackwell.

VIGOTSKI, L. S. e VARSHAVA, B. E. (1927/1931) **Psikhologuitcheskii slovar'**. Moskva: Gosudarstvennoe Utchebno/Pedagoguitcheskoe Izdatel'stvo.

VIGOTSKI, L. S. e VARSHAVA, B. E. (1927/2008) **Psikhologuitcheskii slovar'**. Sainkt Peterburg: Tropa Troianova; Posha Akademii.

VOINOVA, N. e STARETS, S. (1986) **Dicionário prático russo-português**. 4. ed. Moscou: Russki Yazik.

## ANEXO

Modelo de protocolo de cotejo russo-português para “perejivanie”  
(exemplo do livro “Pensamento e linguagem” de 1934)

## PEREJIVANIE e PEREJIVAT'(SIA) EM PENSAMENTO E LINGUAGEM (1934<sup>1</sup>)

REFERÊNCIA	
Em russo: (versão digital)	ВЫГОТСКИЙ Л.С. Мышление и речь. Из книги: _____. <b>Психология развития человека.</b> — М.: Изд-во Смысл; Эксмо, 2005.
Transliteração:	VIGOTSKI, L. S. (1934/2009) <i>Mishlenie i retch'</i> . Iz knigui _____. <b>Psikhologuia razvitiia tcheloveka.</b> Moskva: Izdatel'stvo Smisl; Eksmo, 2005. Versão digital.
Disponível em:	<a href="http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-7-myshlenie_i_rech.pdf">http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-7-myshlenie_i_rech.pdf</a>
Em português:	VIGOTSKI, L. S. (1934/2001) <b>A construção do pensamento e da linguagem.</b> São Paulo: Martins Fontes.

CÔMPUTO DE OCORRÊNCIAS DOS TERMOS	
Opit (опыт) e seus correlatos	226 entradas
Formas de Perejivanie (переживание) como substantivo	16 entradas.
Formas do verbo perejivat' (переживать) e/ou perejivat'sia (переживаться)	8 entradas.

COTEJO	
Глава первая. Проблема и метод исследования [Glava pervaja. Problema i metod issledovaniia] Capítulo primeiro. Problema e método de investigação (sem subitens)	
Общение, основанное на разумном понимании и на намеренной передаче мысли и переживаний <sup>2</sup> , непременно требует известной системы средств, прототипом которой была, есть и всегда останется человеческая речь, возникшая из потребности в общении в процессе труда. (p. 675)	A comunicação, estabelecida com base em compreensão racional e na intenção de transmitir* idéias e vivências <sup>2</sup> , exige necessariamente um sistema de meios cujo protótipo foi, é e continuará sendo a linguagem humana, quer surgiu da necessidade de comunicação no processo de trabalho. (p. 11)
Слово в общении главным образом только внешняя сторона речи, причем предполагалось, что звук сам по себе способен ассоциироваться с любым переживанием <sup>3</sup> , с любым содержанием психической жизни и в силу этого передавать или сообщать это содержание или это переживание <sup>4</sup> другому человеку. (p. 675)	[na concepção que dominava em psicologia:] A palavra na comunicação é, principalmente, apenas o aspecto externo da linguagem, e supunha-se que o som pudesse associar-se por si só a qualquer vivência <sup>3</sup> , a qualquer conteúdo da vida psíquica e, em função disto, transmitir ou comunicar essa vivência <sup>4</sup> ou este conteúdo a outra pessoa. (p. 12)
Я могу дать ему понять это с помощью ряда выразительных движений, но действительное понимание и сообщение будет иметь место только	Eu quero comunicar a alguém** que estou com frio. Posso lhe dar a entender isso através de vários movimentos expressivos, mas a verdadeira compreensão e a

<sup>1</sup> “Pensamento e linguagem” não é, de fato, um livro todo escrito em 1934. Os anos de produção/conclusão dos capítulos são: (a) capítulo 1 em 1934; (b) capítulo 2 em 1932; (c) capítulo 3 em 1929; (d) capítulo 4 em 1929; (e) capítulo 5 em 1931; (f) capítulo 6 em 1933-34; e (g) capítulo 7 em 1934.

\* Na verdade, em russo está em “transmissão intencional”, vê-se claramente, pois “передаче” (peredatche) é uma declinação de um substantivo, e “намеренной” (namerennoi) a de um adjetivo – no nominativo temos: “намеренная передача” (namerennaiia peredatcha) = “transmissão intencional”.

<sup>2</sup> “vivências” está por “переживаний” (perejivani) - genitivo plural. O genitivo desaparece em português por que o tradutor optou por mudar “transmissão intencional de” para “intenção de transmitir”. Ver nota acima.

<sup>3</sup> “vivência” está por “переживанием” (perejivaniem) – instrumental singular.

<sup>4</sup> “vivência” está por “переживание” (perejivanie) – aqui é um acusativo singular.

\*\* [eu quero dar-lhe, transmitir-lhe, o conceito, a compreensão de]

<p>тогда, когда я сумею обобщить и назвать то, что я переживаю<sup>5</sup>, т.е. отнести переживаемое<sup>6</sup> мною чувство холода к известному классу состояний, знакомых моему собеседнику. (675)</p>	<p>comunicação só irão ocorrer quando eu conseguir generalizar e nomear o que estou vivenciando<sup>5</sup>, ou seja, quando eu conseguir situar a sensação de frio por mim experimentada<sup>6</sup> em uma determinada classe de estados conhecidos pelo meu interlocutor. (p. 13)</p>
<p>Для того, чтобы передать какое-либо переживание<sup>7</sup> или содержание сознания другому человеку, нет другого пути, кроме отнесения передаваемого содержания к известному классу, к известной группе явлений, а это, как мы уже знаем, непременно требует обобщения. (675-676)</p>	<p>Para se comunicar alguma vivência<sup>7</sup> ou algum conteúdo da consciência a outra pessoa não há outro caminho a não ser a inserção desse conteúdo numa determinada classe, em um grupo de fenômenos, e isto, como sabemos requer necessariamente generalização. (p. 12)</p>
<p>Глава вторая. Проблема речи и мышления ребенка в учении Ж. Пиаже Критическое исследование Glava vtoraiia. Problema petch i mishleniia pebionka v uhenii J. Piaget Kriticheskoe issledovanie Capítulo segundo. Problema da linguagem e do pensamento na teoria de J. Piaget Investigação crítica</p>	
<p>(I)</p>	
<p>Но глубочайший кризис, переживаемый<sup>8</sup> современной психологической мыслью, не мог не сказаться и на новом направлении в исследовании проблем детской логики. Он наложил печать двойственности на эти исследования, как на все выдающиеся и действительно прокладывающие новые пути психологические произведения эпохи кризиса. (p. 681)</p>	<p>Mas a crise excepcionalmente profunda que envolve<sup>8</sup> a psicologia [pensamento psicológico] atual não podia deixar de refletir também na nova corrente de estudo dos problemas da lógica infantil. Ela imprimiu a marca da ambigüidade nessas pesquisas, como em todas as obras notáveis da psicologia da época de crise que efetivamente abriram novos caminhos. (p. 21-22)</p>
<p>(II)</p>	
<p>«Так как реалистическое мышление, функция реальности, удовлетворение сложных потребностей действительности нарушается под влиянием болезни гораздо легче, нежели аутистическое мышление, которое выдвигается вследствие болезненного процесса на первый план, то французские психологи во главе с Жанэ предполагают, что реальная функция является наиболее высокой, наиболее сложной. Однако ясную позицию занимает в этом отношении только Фрейд. Он прямо говорит, что в ходе развития механизмы удовольствия являются первичными. Он может представить себе такой случай, что грудной ребенок, реальные потребности которого полностью удовлетворяются матерью без его помощи, и развивающийся в яйце цыпленок, отделенный скорлупой от внешнего мира, живут еще аутистической жизнью. Ребенок «галлюцинирует», по всей вероятности, об удовлетворении его внутренних потребностей и обнаруживает свое неудовольствие при нарастающем раздражении и отсутствии удовлетворения моторной реакцией в форме крика и барахтанья, а затем переживает<sup>9</sup> галлюцинаторное удовлетворение» (2, с. 55-56). (p. 693)</p>	<p>Uma vez que o pensamento realista, a função de realidade e a satisfação de necessidades complexas da realidade são violados sob influências patológicas com muito mais freqüência do que o pensamento autístico que o processo patológico coloca em primeiro plano, os psicólogos franceses, com Janet à frente, supõem que a função real é a mais elevada, a mais complexa. Entretanto, só Freud ocupa uma posição nítida nessa questão. Ele afirma claramente que, no processo de desenvolvimento, os mecanismos do prazer são primários. E concebe que tanto uma criança de colo, cujas necessidades reais são inteiramente atendidas pela mãe sem a participação dela, quanto um pinto que se desenvolve no ovo, separado do mundo exterior pela casca, ainda vivem uma vida autística. Tudo indica que a criança “se alucina” com a satisfação das suas necessidades exteriores e revela o seu descontentamento com o incremento do estímulo e a ausência da sua satisfação esboçando uma reação motora em forma de grito e esperneio, e experimenta<sup>9</sup> o prazer a alucinatório (2, pp. 55-57). (p. 38)</p>

<sup>5</sup> “estou vivenciando” está por “переживаю” (perejivaiu) – conjugação do verbo “perejivat”. Outra opção seria “vivencio”.

<sup>6</sup> “experimentada” está por “переживаемое” (perejivaemoe) – um participio do verbo “perejivat”. Outra opção seria “vivenciada”.

<sup>7</sup> “vivência” está por “переживание” (perejivanie) – aqui é um acusativo singular, como na nota 4.

<sup>8</sup> “envolve” está por “переживаемый” (perejivaemii) – conjugação do verbo “perejivat”. Poderia ser também “crise que experimenta/ vivencia a psicologia atual” – na verdade, literalmente está “pensamento psicológico” atual (contemporâneo).

<sup>9</sup> “experimenta” está por “переживает” (perejivaet) – conjugação do verbo “perejivat” – poderia ser “vivencia”, “sente”, “prova”, etc.

(IV)	
<p>Основное содержание учения Пиаже об эгоцентрической речи, если оставить в стороне чисто фактическую часть вопроса, достаточно ясно изложенную в его книге, и сосредоточить внимание на теоретическом освещении, заключается в следующем. Речь ребенка раннего возраста в большей своей части эгоцентрична. Она не служит целям сообщения, не выполняет коммуникативных функций, она только скандирует, ритмизирует, сопровождает деятельность и <b>переживания</b><sup>10</sup> ребенка, как аккомпанемент сопровождает основную мелодию. При этом она ничего существенно не изменяет ни в деятельности ребенка, ни в его <b>переживаниях</b><sup>11</sup>, как аккомпанемент, по существу дела, не вмешивается в ход и строй основной мелодии, которую он сопровождает. Между тем и другим есть скорее некоторая согласованность, чем внутренняя связь. (p. 703)</p>	<p>Omitida a parte puramente fatural, desenvolvida com bastante clareza no livro, e com a nossa atenção concentrada na elucidação teórica do problema, o conteúdo básico da teoria piagetiana da linguagem egocêntrica é o seguinte. A linguagem da criança de tenra idade é egocêntrica em sua maior parte. Não serve para fins de comunicação, não cumpre funções comunicativas, apenas copia, imprime ritmo, acompanha a atividade e as <b>vivências</b><sup>10</sup> da criança como um acompanhamento segue a melodia central. Neste caso ela não modifica essencialmente nada nem na atividade da criança, nem nas suas <b>vivências</b><sup>11</sup>, como um acompanhamento que, na essência, não interfere no desenrolar nem no sistema da melodia central que ele segue. Entre um e outro existe antes alguma articulação que relação interna. (p. 50)</p>
<p>С этим вопросом о функции детской эгоцентрической речи непосредственно связано второе положение этого учения, именно — положение о судьбе детской эгоцентрической речи. Если эгоцентрическая речь является выражением детской сновидной мысли, если она ни для чего не нужна, не выполняет никакой функции в поведении ребенка, является побочным продуктом детской активности, сопровождает его деятельность и <b>переживания</b><sup>12</sup>, как аккомпанемент, то естественно признать в ней симптом слабости, незрелости детского мышления и естественно ожидать, что в процессе детского развития этот симптом будет исчезать. (p. 704)</p>	<p>A esse problema da função da linguagem egocêntrica da criança está diretamente vinculada uma segunda tese da mesma teoria, precisamente a tese do destino da linguagem egocêntrica infantil. Se a linguagem egocêntrica é uma expressão do pensamento infantil em forma de devaneio, não serve para nada, não cumpre nenhuma função no comportamento da criança, é produto secundário da atividade infantil, acompanha a atividade da criança e as suas <b>vivências</b><sup>12</sup> como um acompanhamento musical, então é natural reconhecer nela um sintoma de fraqueza, de imaturidade do pensamento infantil, sendo de se esperar naturalmente que esse sintoma venha a desaparecer no processo do desenvolvimento da criança. (p. 51)</p>
(VII)	
<p>Вместе с речью взрослого, говорит он [Пиаже], ребенок усваивает и категориальные формы, разделение субъективного и объективного, я и ты, здесь и там, теперь и после — <i>das alles ist völlig unkindgemäss</i>. И, повторяя известный стих Гете, автор говорит, что две души живут в ребенке: первоначальная — полная связей детская душа и вторая, возникающая под влиянием взрослых, <b>переживающая</b><sup>13</sup> мир в категориях. Две души: два мира, две реальности. (p. 727-728)</p>	<p>Juntamente com a linguagem do adulto, diz ele [Piaget], a criança assimila também as formas categoriais, a divisão em subjetivo e objetivo, eu e tu, aqui e lá, agora e depois — <i>das alles ist völlig unkindgemäss</i>. E, repetindo o famoso verso de Goethe, o autor diz que duas almas vivem na criança: a primeira é a alma da criança, cheia de vínculos, a segunda, a que surge sob a influência dos adultos, que <b>vivencia</b><sup>13</sup> o mundo em categorias. Duas almas, dois mundos, duas realidades. (p. 83)</p>
<p>Глава пятая. Экспериментальное исследование развития понятий [Glava piataia. Eksperimental’noe issledovanie razvitia poniatii] Capítulo quinto. Investigação experimental do desenvolvimento dos conceitos</p>	
(XI)	
<p>Один из современных психологов указывает, что морфологическое рассмотрение сложных психологических образований и проявлений без генетического анализа неизбежно будет</p>	<p>Um psicólogo atual [Gesell] aponta que a análise morfológica das complexas formações e manifestações psicológicas será inevitavelmente incompleta sem a análise genética. Diz ele: “Contudo, quanto mais complexos são os</p>

<sup>10</sup> “vivências” está por “переживания” (perejivaniia) – um acusativo plural.

<sup>11</sup> “vivências” está por “переживаниях” (perejivaniakh) – um prepositivo plural.

<sup>12</sup> “vivências” está por “переживания” (perejivaniia) – um acusativo plural. Como em “10”

<sup>13</sup> “vivencia” está por “переживающая” (perejivaiushtchaia) – um participio ativo singular do verbo “perejivat”.

<p>несовершенным. «Но, чем сложнее подлежащие изучению процессы, — говорит он, — тем в большей степени они имеют своей предпосылкой прежние переживания<sup>14</sup>, тем больше они нуждаются в четкой постановке проблемы, в методическом сравнении и в понятных связях с точки зрения неизбежностей развития, даже в том случае, если речь идет лишь об элементах деятельности, содержащихся в одном-единственном разрезе сознания». (813)</p>	<p>processos estudados tanto mais eles têm como premissa as vivências<sup>14</sup> anteriores e tanto mais necessitam de uma abordagem precisa da questão, de uma comparação metodológica e de vínculos compreensíveis do ponto de vista da inevitabilidade do desenvolvimento, mesmo quando se trata apenas de elementos da realidade contidos em um único corte da consciência” (30, p. 218) (p. 201)</p>
(XVIII)	
<p>Такова, например, теория Ш. Бюлер. Мы видели, что эта теория приводит к ложному взгляду, согласно которому в переходную эпоху мышление не переживает<sup>15</sup> никаких особых изменений и не делает никаких значительных завоеваний. Согласно этой теории, в мышлении подростка не появляется ничего принципиально нового по сравнению с тем, что мы встречаем уже в интеллектуальной деятельности трехлетнего ребенка. (p. 839)</p>	<p>É essa, por exemplo, a teoria de Charlotte Bühler, e já vimos que essa teoria redundava na falsa concepção de que o pensamento não sofre<sup>15</sup> nenhuma mudança especial nem faz nenhuma conquista considerável na fase da adolescência. Segundo essa teoria, no pensamento do adolescente não surge nada de essencialmente novo em comparação com aquilo que já encontramos na atividade intelectual de uma criança de três anos. (p. 324)</p>
<p><b>Глава шестая. Исследование развития научных понятий в детском возрасте</b>  <b>Опыт построения рабочей гипотезы</b>                  [Glava shestaia. Issledovanie pazvitiia nautchnikh poniatii v detskom vozraste.                  Opit postroeniia rabotchei guipotezi.                  Capítulo sexto. Investigação do desenvolvimento dos conceitos científicos na idade infantil.                  Experimento de construção de uma hipótese de trabalho.</p>	
(III)	
<p>В этом пункте обучения в развитии совершился перелом. <u>Ребенок что-то окончательно понял, он усвоил что-то самое существенное, в его «ага-переживании» прояснился общий принцип. Он, конечно, должен усвоить и последующие звенья программы, но они уже фактически содержатся в том, что он усвоил сейчас. В каждом предмете есть существенные моменты, свои конституирующие понятия.</u><sup>16</sup> Если бы ход развития совершенно совпадал с ходом обучения, то каждый момент обучения имел бы одинаковое значение для развития, обе кривые совпадали бы. (p. 902)</p>	<p>Neste ponto da aprendizagem ocorreu uma reviravolta no desenvolvimento. [...] <sup>16</sup> Se o curso do desenvolvimento coincidissem inteiramente com o curso da aprendizagem, então cada momento dessa aprendizagem teria idêntica importância [significado] para o desenvolvimento e as duas curvas coincidiriam. (p. 323).</p>
(IV)	
<p>Мера общности, как показывает исследование, является первым и исходным моментом в любом функционировании любого понятия, так же как и в</p>	<p>Como mostra a investigação, a medida de generalidade é o momento primeiro e fundamental em qualquer funcionamento de qualquer conceito, assim como no</p>

<sup>14</sup> “vivências” está por “переживания” (perejivaniia) – um acusativo plural novamente.

<sup>15</sup> O verbo “perejivat” traduzido como “sofrer”, na acepção, digamos, de “passar por”. De fato, nesse caso, traduzir por “vivenciar” seria inapropriado, tendo o “pensamento” como sujeito do período.

<sup>16</sup> Há uma parte presente no russo que aqui é omitida. Está na coluna da esquerda sublinhada. Marcado em verde claro está uma declinação do termo “ага-переживание”. Termo digno de atenção, pois normalmente denomina a “vivência do A-ha”, ou “experiência do A-ha”, que também conhecemos pelo termo “heureka”. Ага-переживание poderia ser a experiência emocional da descoberta, ou do insight. “Ага-переживание: (ingl. A-ha experience) – “perejivanie” emocional com a repentina descoberta e compreensão de um problema; componente emocional do insight (da ага-reaktsia). Termo proposto por K. Bühler (1922). Sinônimo: Sentimento de iluminação. Ver Heurística” (fonte: Mir Slovari: [http://mirslovari.com/content\\_psy/AGA-PEREZHIVANIE-946.html](http://mirslovari.com/content_psy/AGA-PEREZHIVANIE-946.html)).

<p>переживании<sup>17</sup> понятия, как это показывает феноменологический анализ. Когда нам называют какое-нибудь понятие, например «млекопитающее», мы переживаем<sup>18</sup> следующее: нас поставили в определенный пункт сети линий широты и долготы, мы заняли определенную позицию для нашей мысли, мы получили исходный ориентировочный пункт, мы испытываем<sup>19</sup> готовность двигаться в любом направлении от этого пункта. (p. 933)</p>	<p>vivenciamento<sup>17</sup> do conceito, como se pode ver pela análise fenomenológica. Quando nos mencionam algum conceito, por exemplo, “mamífero”, nós o vivenciamos<sup>18</sup> da seguinte maneira: fomos colocados em um determinado ponto da rede de linhas de latitude e longitude, ocupamos uma posição para o nosso pensamento, recebemos o ponto inicial de orientação, experimentamos<sup>19</sup> a disposição de nos movimentarmos em qualquer direção a partir desse ponto. (p. 367)</p>
<p>Мы поясним это на примере продуктивного мышления. М. Вертгаймер показал, что обычный силлогизм, как он приводится в учебниках формальной логики, не принадлежит к типу продуктивной мысли. Мы приходим в конце к тому, что нам было известно в самом начале. Вывод не содержит в себе ничего нового по сравнению с посылками. Для возникновения настоящего продуктивного акта мышления, приводящего мысль к совершенно новому пункту, к открытию, к «ага-переживанию»<sup>20</sup>, необходимо, чтобы X, составляющий проблему нашего размышления и входящий в структуру A, неожиданно вошел и в структуру B. Следовательно, разрушение структуры, в которой первоначально возникает проблематический пункт X, и перенос этого пункта в совершенно другую структуру являются основными условиями продуктивного мышления. (p. 941)</p>	<p>Esclareçamos essa questão com o exemplo do pensamento produtivo. Wertheimer mostrou que um silogismo comum, como é apresentado nos manuais de lógica formal, não pertence ao tipo de pensamento produtivo. Acabamos achando o que conhecíamos desde o início. A conclusão não contém nada de novo em comparação com as premissas. Para que surja o verdadeiro ato de pensamento produtivo, que leve o pensamento a um ponto absolutamente novo e à descoberta do “A-vivenciamento”<sup>20</sup>, é necessário que X, que constitui o problema de nossa reflexão e integra a estrutura de A, inesperadamente passe a integrar a estrutura de B; logo, a destruição da estrutura em que surge primordialmente o ponto problemático X e a transferência deste ponto para uma estrutura inteiramente outra são as condições básicas do pensamento produtivo. (p. 378)</p>
<p><b>Глава седьмая. Мысль и слово</b>  <b>[Glava sed’maia. Misl’ i slovo]</b>  <b>Capítulo sétimo. Pensamento [idéia] e palavra.</b></p>	
<p>(sem subitens)</p>	
<p>Внутренней речью называет Гольдштейн все, что предшествует моторному акту говорения, всю вообще внутреннюю сторону речи, в которой он различает два момента: во-первых, внутреннюю речевую форму лингвиста, или мотивы речи Вундта, и, во-вторых, наличие того ближайшим образом неопределимого, не сенсорного или моторного, но специфически речевого переживания<sup>21</sup>, которое так же хорошо известно всякомкак и не поддается точной характеристике. (972 e 973)</p>	<p>{423:} Goldstein chama de <i>linguagem interior</i> tudo que precede ao ato motor de falar, a todo o aspecto interior da linguagem {424:} em que ele distingue dois momentos: primeiro, a forma interior de discurso lingüista ou os motivos do discurso de Wundt; segundo a presença de uma vivência<sup>21</sup> extremamente indefinida, não sensorial ou motora mas especificamente discursiva, que é tão [bem] conhecida quanto impossível de ser caracterizada com precisão. (p. 423-424)</p>
<p>Нельзя не возражать против отождествления центрального пункта всей речи с интуитивно постигаемым переживанием<sup>22</sup>, не поддающимся</p>	<p>É impossível não contestar a identificação do ponto central de toda a linguagem como uma vivência<sup>22</sup> que se apreende por via intuitiva, não se presta a nenhuma análise</p>

<sup>17</sup> “vivenciamento” está por “переживании” (perejivanii) – um prepositivo singular.

<sup>18</sup> “vivenciamos” está por “переживаем” (perejivaem) – conjugação do verbo “perejivat”.

<sup>19</sup> “experimentamos” está por “испытываем” (ispitivaem) – então não está em jogo o verbo “perejivat”

<sup>20</sup> Esse “A-vivenciamento” está por “ага-переживание”, ou “vivência do a-ha”, “experiência do a-ha” – veja a nota anterior. Algo que fica realmente impossível de perceber com a opção do tradutor. Está realmente mal traduzido, pois literalmente seria “para a descoberta, para a “vivência do a-ha”, o tradutor omitiu a vírgula e remontou o trecho como se fosse “a descoberta da “ага-переживание” – desconsiderando a estrutura original.

<sup>21</sup> Há uma inversão de ordem que afasta o substantivo do adjetivo, mas temos uma “vivência verbal” ou “vivência discursiva”, ou “vivência de fala”... Numa ordem mais fiel ao original teríamos: “em segundo lugar: a existência do que está mais próximo de uma imagem indefinível, não sensorial ou motora, mas de uma específica *vivência discursiva*, que é tão bem conhecida, e não passível de caracterização precisa”.

<sup>22</sup> “vivência” está por “переживанием” (perejivaniem) – é um instrumental singular.

<p>никакому функциональному, структурному и вообще объективному анализу, как нельзя не возражать и против отождествления этого переживания<sup>23</sup> с внутренней речью, в которой тонут и растворяются без остатка хорошо различаемые с помощью психологического анализа отдельные структурные планы. Это центральное речевое переживание<sup>24</sup> является общим для любого вида речевой деятельности и уже в силу этого совершенно не годится для выделения той специфической и своеобразной речевой функции, которая одна только и заслуживает названия внутренней речи. (p. 973)</p>	<p>funcional, estrutural ou nenhuma análise objetiva, assim como é impossível não contestar a identificação dessa vivência<sup>23</sup> com a linguagem interior, na qual planos estruturais particulares, que podem ser bem distinguidos através da análise psicológica, se diluem sem deixar vestígio. Este vivenciamento<sup>24</sup> central do discurso é comum a qualquer modalidade de linguagem e, por esta simples razão, já não se presta, de maneira alguma, à discriminação daquela função discursiva específica e original, que é a única a merecer o nome de linguagem interior. (p. 424)</p>
<p>Диалог — это речь, состоящая из реплик, это цепь реакций. Письменная речь, как мы видели выше, с самого начала связана с сознательностью и намеренностью. Поэтому диалог почти всегда заключает в себе возможность недосказывания, неполного высказывания, ненужности мобилизации всех тех слов, которые должны бы были быть мобилизованы для обнаружения такого же мыслимого комплекса в условиях монологической речи. В противоположность композиционной простоте диалога монолог представляет собой определенную композиционную сложность, которая вводит речевые факты в светлое поле сознания, внимание гораздо легче на них сосредоточивается. Здесь речевые отношения становятся определителями, источниками переживаний<sup>25</sup>, появляющихся в сознании по поводу их самих (т.е. речевых отношений). (p. 997)</p>	<p>{456:} O diálogo é um discurso constituído de réplicas, é uma cadeia de reações. O discurso falado, como vimos anteriormente, desde o início está ligado à consciência e à intencionalidade. Por isso, o diálogo quase sempre conclui em si a possibilidade da não-conclusão do enunciado, da enunciação incompleta, da inutilidade de mobilizar todas as palavras que devem ser mobilizadas para revelar o mesmo complexo concebível nas condições do discurso monológico. Em oposição à simplicidade composicional {457:} do diálogo, o monólogo é uma complexidade composicional, que introduz os fatos verbais no campo iluminado da consciência, e a atenção se concentra bem mais facilmente. Aqui as relações discursivas se tornam determinantes e fontes de vivenciamentos<sup>25</sup> que se manifestam na consciência por motivo dessas mesmas relações discursivas. (p. 456-457)</p>
<p>Мы снова воспользуемся для ясности литературным примером, сценой наблюдений одного героя Глеба Успенского. Сцена, где несчастный ходок, не находя слов для выражения огромной мысли, владеющей им, бессильно терзается и уходит молиться угоднику, чтобы бог дал понятие, оставляет невыразимо тягостное ощущение. И однако, по существу то, что переживает<sup>26</sup> этот бедный пришибленный ум, ничем не разнится от такой же муки слова в поэте или мыслителе. Он и говорит почти теми же словами: «Я бы тебе, друг ты мой, сказал вот как, эстолького вот не утаил бы, да языка-то нет у нашего брата... вот что я скажу, будто как по мыслям и выходит, а с языка-то не слезает. То-то и горе наше дурацкое». По временам мрак сменяется мимолетными светлыми промежутками; мысль уясняется для несчастного, и ему, как поэту, кажется, вот-вот «приемлет тайна лик знакомый». (p. 1010)</p>	<p>{475:} Para efeito de clareza, voltamos a empregar um exemplo tomado da literatura, uma cena das observações de um personagem de Glielmo Uspienski. A cena em que um infeliz andarilho, não encontrando palavras para exprimir um pensamento enorme que o domina, tortura-se de impotência e sai para orar aos santos e pedir a Deus que lhe dê entendimento; pois bem, essa cena deixa uma inexprimível sensação de angústia. Na essência, porém, o que sofre<sup>26</sup> essa pobre mente abatida em nada difere da mesma angústia da palavra no poeta ou no pensador. Ele fala quase pelas mesmas palavras: “Eu, meu amigo, poderia te dizer veja o quê; por mais que tenha escondido – é – faltam palavras a esse teu irmão... Veja o que eu vou dizer, parece que é assim que está no pensamento, mas a língua não desenrola. Isso é que é a nossa desgraça idiota”. {476:} De quando em quando a escuridão é substituída por fugazes intervalos de luz; o pensamento se aclara para o infeliz e ele, como um poeta, parece que está quase “captando o mistério do rosto desconhecido”. (475-476)</p>

<sup>23</sup> “vivência” está por “переживания” (perejivaniia) – um genitivo singular.

<sup>24</sup> “vivenciamento” está por “переживание” (perejivanie) – o nominativo singular mesmo. Contudo aqui a ordem na opção da tradução de Paulo Bezerra é “vivenciamento central do discurso” – colocando “discurso” como substantivo, enquanto no russo estava adjetivando “perejivanie” – “центральное речевое переживание” (tsentral’noe retchevoe perejivanie) poderia ser também “perejivanie discursiva central”, numa tradução literal.

<sup>25</sup> “vivenciamentos” está por “переживаний” (perejivanii) – um genitivo plural.

<sup>26</sup> “sofre” está por “переживает” (perejivaet) – conjugação do verbo “perejivat”.